

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

LEITURA E INTERNET: O USO DAS REDES SOCIAIS ONLINE PELOS LEITORES.

Ana Rita Ramalhete Guimarães Duarte

Mestrado em Cultura, Comunicação e Tecnologias da Informação

Orientadores:

Doutor Jorge Samuel Pinto Vieira, Professor Auxiliar

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

ISCTE-IUL

Doutor José Soares Neves, Investigador Integrado

CIES-ISCTE

Outubro, 2020



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

LEITURA E INTERNET: O USO DAS REDES SOCIAIS ONLINE PELOS LEITORES.

Ana Rita Ramalhete Guimarães Duarte

Mestrado em Cultura, Comunicação e Tecnologias da Informação

Orientadores:

Doutor Jorge Samuel Pinto Vieira, Professor Auxiliar

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

ISCTE-IUL

Doutor José Soares Neves, Investigador Integrado

CIES-ISCTE

Outubro, 2020

Agradecimentos

Foram muitas as pessoas que me ajudaram ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

Em primeiro lugar, um grande obrigado aos meus orientadores, Jorge Vieira e José Soares Neves, pela disponibilidade, pelos conselhos atentos, e pelo contínuo reforço positivo.

Agradeço também a todos os entrevistados pela sua enorme prontidão e entusiasmo, que não hesitaram em tirar uma hora dos seus dias para falarem com uma “desconhecida” sobre a sua paixão pela leitura. As conversas tão interessantes que pude manter com todos eles, ao longo destes meses, foram absolutamente essenciais para o conhecimento aqui partilhado, e mantiveram-me sempre motivada em relação a este estudo.

Aos meus professores e colegas do Mestrado em Cultura, Comunicação e Tecnologias da Informação pela partilha de conhecimento, pelas aulas, leituras, debates e conversas.

Ao meu companheiro, Tiago Magalhães, pelo apoio incondicional, em todos os aspetos, ao longo destes dois anos. À Diana Marques pelo constante entusiasmo em relação aos meus projetos, mesmo estando do outro lado do oceano. À Catarina Satúrio por me ensinar a navegar todas as emoções que surgiram pelo caminho. E à minha avó Dália por me ter inculcido, desde muito cedo, o gosto pelo conhecimento e pela aprendizagem.

Resumo

Esta dissertação pretende discutir as mudanças na *praxis* de leitura na era digital dentro do quadro teórico apresentado por Wendy Griswold da cultura de leitura e classe leitora. Os conceitos de livro, leitor e leitura digital são aqui debatidos, e há também uma contextualização no que toca às motivações para a utilização das redes sociais *online* (RSO) pelos leitores.

Através de entrevistas semiestruturadas mediadas pelas RSO a um grupo de leitores frequentes e ativos nas RSO, este trabalho visa explorar os seus hábitos de leitura, assim como a forma como usam a internet e as RSO enquanto ferramenta para a leitura.

Concluiu-se que este grupo de entrevistados, todos eles leitores regulares, têm características sociodemográficas paralelas às traçadas por Griswold, McDonnell, & Wright sobre a classe leitora, sendo maioritariamente jovens, mulheres, com elevados níveis de escolaridade, e culturalmente “omnívoros”. São também utilizadores intensivos da internet, que é aqui adotada enquanto ferramenta para a leitura.

A leitura em grupo é uma prática quase transversal entre os participantes, que demonstram aqui dar um grande valor à leitura, tanto pela quantificação, pelo debate, e pela sua vontade de usar as RSO para divulgar a leitura, de modo a que chegue a mais pessoas.

Concluiu-se também que são utilizadores altamente participativos, cuja utilização das RSO se foca mais na partilha e produção de várias formas de conteúdo do que necessariamente no seu consumo. No que toca ao consumo de conteúdo dão, na sua maioria, preferência a conteúdos partilhados por outros utilizadores, em detrimento da crítica partilhada nos media tradicionais.

Palavras-Chave: cultura de leitura, classe leitora, redes sociais *online*, cultura participativa, leitura digital, novos *media*

Abstract

This dissertation aims to discuss changes to the reading *praxis* in the digital era, within the theoretical framework proposed by Wendy Griswold about the reading culture and the reading class. Concepts such as books, readers and e-reading are debated throughout, and context regarding the different motivations for using social networking sites (SNS) by readers is also provided.

This study aims to explore the reading habits of a group of frequent readers who are also active on SNS, also exploring how they use the internet and SNS as a tool for reading, by using semi structured SNS-guided interviews.

It was concluded that all participants are frequent readers, with sociodemographic features similar to Griswold, McDonnell, & Wright's findings regarding the reading class. Most participants are women, young, with a higher education, and are culturally "omnivorous". They are intensive internet users, a tool they also use for reading.

Most participants engage in group reading, and they also assign a great deal of value to books and reading. This is demonstrated by how they track and quantify their reading habits, by how they debate reading online, and by their drive to use SNS to make books and reading accessible to more people.

It was also concluded that these internet users are highly participative, and that their SNS use is more focused on producing and sharing content rather than on consuming it. The participants have generally demonstrated a preference for content shared by other users over literary content published by the mass media.

Keywords: reading culture, reading class, social media, participatory culture, e-reading, new media

Índice

1. Introdução	1
2. O livro e a leitura na era digital e nas RSO.....	3
2.1 O livro na era digital	3
2.2 A leitura enquanto prática social e o leitor como audiência	4
2.3 Classe leitora e cultura de leitura	6
2.4 Motivações para o uso das RSO	9
3. Metodologia	11
3.1. Entrevista mediada pelas RSO	11
3.2 A elaboração do guião da entrevista.....	17
4. Relatório de Observações.....	20
5. Análise de Resultados	23
5.1. O processo de análise.....	23
5.2. Caracterização Socioprofissional.....	23
5.3. Hábitos de leitura de livros	25
5.3.1. A Leitura no Agregado Familiar	26
5.3.2. Geração Harry Potter	27
5.3.3. O Leitor e o “Outro”	28
5.4 Modos de Relação com as RSO.....	30
5.4.1 Número de livros lidos e objetivos de leitura.....	30
5.4.2 Criadores de Conteúdo.....	34
5.4.3 A Leitura em Grupo	36
5.4.4 Consumidores de Conteúdo	38
6. Conclusão.....	40
Bibliografia	43
Anexos	i
ANEXO A.....	i
ANEXO B.....	v
ANEXO C.....	vi

Índice de tabelas e figuras

Tabela 1 - Grelha da Entrevista.....	17
Tabela 2 - Escolaridade máxima concluída pelos pais ou tutores dos entrevistados	24
Tabela 3 - Número de livros lidos por cada entrevistado em contexto de lazer, em 2019.....	31
Figura 1 - Exemplo de um <i>Goodreads Reading Challenge</i>	32

1. Introdução

A leitura é uma prática quase universal nas sociedades alfabetizadas (Neves, 2015; Griswold, 2005, 2008), e é também uma prática que tem vindo a sofrer profundas alterações ao longo da história (Griswold, 2008). A transição para a sociedade em rede tem sido apontada por alguns autores como o mais recente fator de mudança nas práticas de leitura, sendo que estamos a assistir a uma redefinição do que significa ler e ser leitor:

por primera vez, pues, el libro y la restante producción editorial encuentran que tienen una función con un público, real y potencial, que se alimenta de otras experiencias informativas y que ha adquirido otros medios de culturización, como los audiovisuales; que está habituado a leer mensajes en movimiento; que en muchos casos escribe y lee mensajes realizados con procedimientos electrónicos (ordenador, máquina de vídeo o fax); que, además, está acostumbrado a culturizarse a través de procesos e instrumentos costosos y muy sofisticados; y a dominarlos, o a usarlos, de formas completamente diferentes a los que se utilizan para llevar a cabo un proceso normal de lectura. Las nuevas prácticas de lectura de los nuevos lectores deben convivir con esta auténtica revolución de los comportamientos culturales de las masas y no pueden dejar de estar influenciados. (Petrucci, 1998 *apud* Cameira & Cardoso, 2014a: 5)

Neste novo paradigma surgem também alertas frequentes sobre a “morte” do livro (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005: 129). Griswold aponta que, enquanto a leitura de livros em contexto de lazer é realmente uma prática que está a diminuir a nível global (2005), a leitura de livros está longe de ser extinta, sendo sobretudo apoiada por um “nicho” de leitores, “restricted in size but disproportionate in influence” (2005: 127), e cujo desenvolvimento está a ser facilitado pela internet (2005: 127).

De facto, muitos estudos apontam que para os grandes leitores a relação entre internet e leitura é de cumulatividade (*more-more*) (Neves, 2011: 293): verifica-se uma relação direta entre a leitura de livros em contexto de lazer e a utilização da internet, afigurando-se este meio como mais um instrumento de acesso à leitura (Griswold, McDonnell, & Wright, 2011: 137; Neves, 2011: 293).

É a partir desta premissa que se colocam as questões centrais desta dissertação: sendo a internet no geral, e as redes sociais *online* (RSO) em particular, ferramentas utilizadas pelos leitores regulares de livros, quem são estes leitores ativos nas RSO, em particular os que utilizam contas dedicadas inteiramente à leitura? De que formam utilizam as RSO para enriquecer as suas práticas de leitura? Quais são as suas motivações?

Esta dissertação pretende explorar algumas destas questões através duma metodologia qualitativa, elaborada à luz da abordagem de Wendy Griswold sobre cultura de leitura e classe

leitora (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005) aplicada ao caso português por José Soares Neves (2011; 2015).

Pretende-se, a partir de entrevistas semiestruturadas a um grupo de leitores ativos nas RSO, que publicam *online* ou consomem com frequência conteúdo sobre leitura de livros, explorar questões sobre classe leitora, cultura de leitura, e sobre a relação dos *keen readers*, ou leitores ávidos (Neves, 2015) – uma tipologia de leitor que, embora variando dependendo do estudo e do contexto, remete “sempre à categoria que agrupa os que leem mais” (Neves, 2015: 78) – com a leitura, contribuindo assim para o conhecimento já existente sobre estes temas.

2. O livro e a leitura na era digital e nas RSO

2.1 O livro na era digital

Quando se fala sobre leitura, a primeira imagem que surge em mente, regra geral, é a leitura do livro impresso (e eventualmente da imprensa escrita), e esse tem sido o foco principal da sociologia (Cameira & Cardoso, 2014a: 5).

Contudo, com o advento das TIC, começou a surgir a necessidade de incluir neste estudo novas formas de leitura, em suporte digital:

A possibilidade de instantaneamente trocar mensagens, de proceder a uma rápida gestão do conhecimento, encontrando, lendo, descarregando de imediato e em qualquer lugar determinado conteúdo alojado em linha, porventura partilhado, leva a que alguns analistas optem por identificar novos leitores, cujas modalidades de leitura e escrita em ecrãs ganham o estatuto de praxis quotidiana (...). (Cameira & Cardoso, 2014a: 6)

O parágrafo acima descreve o dinamismo¹ (Gangneux, 2019) característico da comunicação nos novos *media* que se também se reflete na leitura:

While many lament the loss of the p-book's² materiality, texts have become more lively as a result of digitization: textual-production platforms like blogging let writers and readers interact with each other and create intimate social relationships. (Nakamura, 2013: 238)

Assim, a leitura outrora associada sobretudo ao livro impresso e à imprensa escrita, multiplicou-se em muitas outras modalidades, desde o *e-book* até, por exemplo, textos publicados em blogues e nas RSO, *wikis*, e até mesmo conteúdo divulgado via e-mail ou *instant messaging*, modalidades de leitura apoiadas em diferentes dispositivos como “o computador, o telemóvel, o *tablet* ou o *e-reader*” (Cameira & Cardoso, 2014a: 5).

Perante esta mudança, “compreender como se estruturam as experiências de leitura dos portugueses quando efetivadas a partir de um ecrã de computador, ou através da utilização de outros interfaces digitais afigura-se então fundamental (...)” (Cameira & Cardoso, 2014a: 5).

Contudo, a compreensão desta mudança na leitura não significa necessariamente que o livro impresso tenha perdido relevância:

While the central tenet of the 1990's-style digital futurism – the death of the book – has failed to materialise, digital processes and platforms undeniably infiltrate the global book industry at every stage: from production (digital files, eBook rights, print-on-demand, *online* self-publishing, Wattpad, crowdfunded publishing), through circulation

¹ Tradução livre de *liveliness* (Gangneux, 2019).

² P-books: *published books* (Nakamura, 2013).

(*online* book retailing, authorial social media use, publisher search-engine optimisation, book trailers, blog tours, audiobooks), to consumption (reader reviews, fan fiction, booking social networking, amateur *booktubing*, *bookstagramming*). The object of the printed book thus remains in wide circulation, but it's created, promoted, sold, evaluated, consecrated, consumed and debated within a pervasively digital agential mesh. (Murray, 2019: 2)

A questão que se coloca, então, é acerca do foco da sociologia neste novo paradigma da leitura. Tiago Lapa e Gustavo Cardoso apontam que o foco destes estudos não deve ser somente nos suportes de leitura, mas também em torno do *software* utilizado:

Se por um lado estes projetos [de investigação sobre leitura em suporte digital] são preciosos para se tentar perceber, a partir do contacto com as novas tecnologias da leitura, como é que as pessoas lêem e o que muda, por outro, não se consagram tanto a entender as modalidades de mudança da praxis dos indivíduos que não têm tanto a ver com os dispositivos da leitura, mas mais com o *software* disponibilizado e com as formas de apropriação desse software, como é o caso das redes sociais *online*. (2014: 325)

Por essa razão, estudar o livro na era digital não se limita a estudar os suportes de leitura, ou seja, por exemplo, entre o livro impresso e o *e-book*, ou mesmo entre o *hypereading* característico da leitura *online* e o *deep focus* mais associado ao livro impresso (Hayles, 2010: 72). É igualmente relevante compreender as várias maneiras como os novos *media* são utilizados como ferramenta para a leitura de livros, e como estes dois meios se interligam e influenciam mutuamente.

Como sugere Murray, “analysts of the contemporary book world thus need to cease conceptualising the analogue and digital as ontological opposites, and instead examine the two domain’s complex patterns of coexistence, mutual dependence and even conterritively, revivification” (2019: 2).

2.2 A leitura enquanto prática social e o leitor como audiência

A leitura é vista pelo senso comum como uma prática individual, solitária (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005: 134-135). Não costumamos colocar o leitor dentro dum coletivo da mesma forma que facilmente colocamos um fã de música, ou um espetador de cinema. Como aponta Long,

the “ideology of the solitary reader” ignores the social infrastructure of reading itself: Books are social products, but reading must also be taught; gatekeepers, such as Oprah Winfrey or the New York Times Book Review, steer reading choices; and for many people the reading experience is intrinsically social. (Long, 2003 *apud* Griswold, McDonnell, & Wright, 2005: 134)

Quando estudada empiricamente, observam-se padrões sociais ligados à prática da leitura, como a escolaridade, idade, profissão, sexo, ou o país de origem dos leitores (Neves, 2015; Griswold *et al*, 2005, 2008, 2011). O acesso à leitura pode passar igualmente por questões de acesso a certas infraestruturas como bibliotecas, livrarias, internet, entre outros. (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011: 20).

Ou seja, o estudo da leitura passa também por compreender “the material conditions that reading entails and the social practices and institutions surrounding reading” (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011: 20). Como afirmam Gustavo Cardoso e Emanuel Cameira, “o acto solitário de ler possui utilizações sociais e não deve, portanto, ser concebido como um acto neutro” (Cardoso & Cameira, 2014b: 238).

Esta dimensão da leitura enquanto “atividade empiricamente observável e, mais do que isso, socialmente regulada” (Neves, 2015: 69) faz com que o quadro analítico para estudar os leitores no âmbito deste trabalho os encare enquanto audiência, no sentido em que os leitores são compreendidos como um coletivo:

A an audience is a collectivity, a mass phenomenon whose attributes are not the sum of individual components. (...) Conceptualizing readers-as-audience encourages an emphasis, first, upon the social, economic, and political context in which reading takes place; and, second, upon the agency of readers as constructors of meaning, images of passivity having been superseded by those that emphasize interpretive agency. (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011: 20)

Este prisma sociológico sobre o leitor enquanto audiência possibilita, assim, que a leitura, para além duma prática social, seja também vista como uma prática cultural. Trata-se duma perspectiva que “distingue a leitura realizada em período de lazer, como ocupação de tempos livres, que as pessoas fazem por prazer e por procura de informação, como prática cultural, da realizada por motivos escolares e profissionais” (Griswold, McDonnell e Wright, 2005; Griswold, Lenaghan e Naffziger, 2011 *apud* Neves, 2015: 68).

Como já referido, grande parte das práticas culturais, como ir a concertos de música ou visitar museus, são encaradas enquanto práticas coletivas, o que frequentemente pressupõe a partilha dum espaço físico, ainda que momentânea (uma sala de cinema, um museu, uma sala de concertos...). Com base neste princípio, o conceito de audiência é frequentemente circunscrito à partilha dum espaço ou duma experiência em comum (Livingstone, 2005: 26).

Contudo, este conceito tem vindo a expandir-se: “the qualities and experiences of being a member of an audience have begun to leak out from specific performance events which

previously contained them, into the wider realms of everyday life” (Abercrombie and Longhurst, 1998 *apud* Livingstone, 2005: 25).

Para além das já referidas instituições que regulam e contextualizam, direta ou indiretamente, as práticas de leitura, temos também o fenómeno muito concreto dos clubes de leitura, esses sim um fenómeno coletivo que se encaixa na conceção mais “clássica” de audiência.

Estes grupos de leitores precedem em muitos anos a internet (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011: 27), contudo, estão a rapidamente multiplicar-se também no meio digital, o que explica a sua relevância para a construção do quadro teórico desta dissertação.

De facto, na internet encontramos inúmeras páginas dedicadas inteiramente à literatura:

Readers are now organizing and sharing titles they have read through more than two dozen social-networking sites (...). Such groups represent another way for readers to connect to one another as they engage with texts. (...) Club members share book recommendations and reviews with one another, building an international network of friendships in the process. (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011: 29)

Atualmente temos, por exemplo, a rede social *online* (RSO) Goodreads, pertencente à Amazon; grupos de Facebook que funcionam como clubes de leitura; contas do Instagram inteiramente dedicadas ao livro (conhecidas como *bookstagram*) e canais do YouTube igualmente dedicados à leitura (o denominado *booktube*). Há também um número de blogues inteiramente dedicados ao livro e à crítica literária. Aqui, os leitores trocam impressões sobre livros, procuram sugestões e pesquisam livros dentro dos seus géneros preferidos, escrevem e leem críticas literárias – numa lógica de *cultura participativa*, utilizando aqui o conceito de Henry Jenkins (1992).

Explorar a partilha da leitura – seja em clubes do livro presenciais, ou através de interações nas RSO – é essencial quando se está a estudar a interação entre leitura de livros e internet. Afinal, estamos a falar da partilha em rede numa prática que, como referido, é tradicionalmente vista como solitária.

2.3 Classe leitora e cultura de leitura

A partir do momento em que se fala da leitura enquanto prática social (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011), podemos então procurar entender qual o contexto social no qual estão atualmente inseridas estas práticas de leitura. Para tal, será útil discutir os conceitos de cultura de leitura e classe leitora, tal como introduzidos por Wendy Griswold (2005, 2008, 2011).

A leitura é uma prática universal em sociedades com elevadas taxas de alfabetização (Neves, 2015: 70). É uma prática que integrou totalmente o quotidiano dos indivíduos, sendo essencial no trabalho, na educação, no lazer e na vida política (Griswold, 2000 *apud* Neves, 2015: 70).

Tratam-se, de igual forma, de sociedades que atribuem um grande valor à leitura, sendo por exemplo o prestígio duma profissão associado à quantidade de leitura necessária para o seu exercício (Griswold, 2000 *apud* Neves, 2015: 70), e nas quais o analfabetismo é encarado como “um fracasso pessoal ou sistémico.” (Griswold, 2000 *apud* Neves, 2015: 70).

Griswold denomina estas sociedades de *culturas de leitura*, caracterizadas por uma grande valorização social da leitura, tendo aqui o livro e a imprensa “de qualidade” um papel de destaque (Neves, 2015: 72).

Na articulação destes conceitos com o tema desta dissertação pretende-se compreender de que forma a utilização de RSO sobre leitura refletem esta valorização social do livro, que está também ligada a questões de capital cultural e *status* social. Griswold (2011: 128) aponta, por exemplo, que

People think they ought to read even more. More than nine out of ten are convinced that reading is “a good use of your time” (Gallup Org. 1990, question 23). And they think they ought to be able to read more, for very few people find reading “too hard to do” (Gallup Org. 1990, question 48b). They expect to read more in the future. When asked, “Do you think you’ll find yourself reading more in the months and years ahead, reading less, or is the amount of reading you do probably going to stay the same,” 45% said more, 3% less, and 51% the same (Gallup Org. 1990, question 24).

Este sentido de “dever” associado à leitura não existiria se as pessoas não lhe atribuissem um valor tão grande. No âmbito da dissertação pretende-se compreender, entre outros fatores, se o estabelecimento e partilha de metas de leitura nas RSO constitui um reflexo desta valorização social da leitura. Um exemplo disto seria o *Goodreads Reading Challenge*³, no qual os utilizadores deste RSO estabelecem quantos livros pretendem ler durante o ano, partilhando estas metas e os avanços nas suas leituras com os outros utilizadores.

Contudo, e apesar de vivermos em sociedades que dão um elevado valor à leitura – as culturas de leitura – apenas um número reduzido de indivíduos lê frequentemente em contexto de lazer.

³ A título de exemplo, o “reading challenge” deste ano pode ser encontrado em <https://www.goodreads.com/challenges/11621-2020-reading-challenge>. Consultado a 05 de janeiro de 2020 às 20h.

A estes denominamos de *classe leitora*:

Most people in advanced industrial and post-industrial countries are not and will not be readers. Although they read for work and for information, routinely and matter-of-factly, they entertain themselves with electronic media. Only a few get lost in a book, turn to newspapers for news and magazines for leisure, and are called “readers” by their family and friends. (...) This reading class is and will be modest in size but immense in cultural influence. (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005: 36-37)

A classe leitora é constituída “por membros altamente escolarizados e de elevado capital económico, jovens (...)” (Cameira & Cardoso, 2014a: 8). A nível profissional, em Portugal, nota-se uma prevalência de “praticantes culturais da categoria PTE – profissionais técnicos e de enquadramento” (Neves, 2015: 74). No que toca às práticas e gostos culturais, são regra geral “omnívoros” (Neves, 2015: 74).

Observa-se portanto que os leitores frequentes são pessoas com um elevado capital cultural, o que se reflete tanto a nível do seu capital cultural institucionalizado, mas também incorporado, como possivelmente a nível do capital cultural objetivado (Bourdieu, 1986: 17).

Outra característica da classe leitora é a sua relação com a internet – e este será um traço muito importante para esta dissertação. Os estudos feitos sobre o tema observam que a classe leitora é formada por utilizadores frequentes e precoces da internet (Neves, 2015: 73). Tal como referido na introdução, parece haver uma relação de cumulatividade (*more-more*) entre leitura e uso da internet (Neves, 2011: 288) – ao contrário, por exemplo, da relação entre a televisão e a leitura (Griswold, 2008: 61).

No caso português, Neves (2011: 291) regista os seguintes dados:

Como se relaciona então a leitura de livros (excluindo escolares ou profissionais) com o uso da internet em Portugal no início do século XXI? O cruzamento destes dois indicadores mostra uma clara polarização entre, por um lado, os que são simultaneamente regulares leitores e utilizadores da internet (representam 52%) e, por outro, aqueles que não lêem livros nem utilizam a internet (80%) (quadro 11.21). É também muito nítida a relação existente entre as duas práticas: quanto mais elevado o ritmo da leitura de livros, maior a percentagem dos que usam regularmente a internet; e naturalmente, pelo contrário, à medida que decresce o referido ritmo, mais elevadas são as percentagens daqueles que nunca usam a internet.

Esta relação de complementaridade entre o livro e a internet remete também ao conceito de cultura de convergência, tal como introduzido por Henry Jenkins:

By convergence, I mean the flow of content across multiple media platforms, the cooperation between multiple media industries, and the migratory behavior of media

audiences who would go almost anywhere in search of the kinds of entertainment experiences they wanted. (Jenkins, 2006b)

É importante, no entanto, relevar que “a relação *more-more* das práticas de leitura e do uso da internet incide sobretudo nos jovens e nos PTE” (Neves, 2011: 291), não se podendo por isso excluir da definição de *grande leitor* os indivíduos de outras faixas etárias que tenham sólidos hábitos de leitura mas que não encarem a internet enquanto ferramenta para a leitura.

O que se entende, no entanto, por ler *frequentemente*? José Soares Neves e Wendy Griswold recorrem às categorias nomeadas pela National Endowment of The Arts, sendo que a classe leitora se encaixa o perfil de leitor *frequente* (12 a 49 livros por ano) ou *ávido* (mais de 50 livros por ano) (Griswold, 2008: 60 *apud* Neves, 2015: 73).

No entanto, esta noção irá depender do contexto, ou seja, a definição de *keen reader* irá variar conforme a média de leituras do país em questão:

The definition of the term *keen reader* is also very varied. This variety of definitions reveals how each nation tends to attribute a particular identity to this social and economic figure in the context of the hierarchies of importance of the entire set of readers. (Signorini, 2003)

Assim sendo, é necessário ter em consideração os hábitos de leitura médios dos portugueses de modo a construir essa tipologia. Segundo Santos, Neves, Lima e Carvalho (2007: 51), apenas 5,4% dos portugueses que têm hábitos de leitura (excluindo, portanto, os não-leitores) são considerados grandes leitores, lendo mais de 20 livros por ano. Já Signorini (2003) aponta o seguinte:

The Omnibus survey carried out by the company Quantum, commissioned by APEL (the Portuguese Association of Publishers and Booksellers) published in March 2003, and entitled Estudo de hábitos de leitura e compras de livros, involved a sample of 2,000 people between the ages of 15 and 65. *Keen readers* were judged to be those buying more than 11 books a year (17% of those who classified themselves as book buyers, 942 people).

Ainda que haja, claro, uma distinção entre *ler* livros e *comprar* livros, nesta dissertação, e perante os dados acima apresentados, consideram-se *keen readers* aqueles que leem 12 livros ou mais por ano.

2.4 Motivações para o uso das RSO

De modo a articular as práticas de leitura com o uso das redes sociais *online*, é também pertinente compreender as motivações dos indivíduos para o uso das redes sociais *online* no geral (ou seja, independentemente de serem, ou não, leitores). Afinal, um dos objetivos da

dissertação é compreender o papel das RSO nesta mudança de praxis da leitura. Citando Lapa e Cardoso,

Claro que ler e escrever fazem parte do processo comunicativo, mas quais são os principais princípios motivadores da ação nas redes sociais e como se manifestam em termos de conteúdos? Estaremos a falar de conteúdos essencialmente movidos pela comunicação com os outros ou da partilha de informação com os outros? Que tipo de motivações sociais e políticas estarão por trás? E que diferenças entre país poderão ser identificadas quanto a estas questões, e onde se insere a sociedade portuguesa, tendo em conta, tanto quanto possível, as dinâmicas próprias dos contextos sociais? (2014: 328)

De modo a responder a algumas destas questões, relativas ao que motiva os indivíduos a usar as RSO, Cláudia Lamy e Gustavo Cardoso sugerem, duma perspetiva de usos,

(...) uma divisão possível em atividades de fortalecimento de laços sociais para com amigos e conhecidos (Mensagens, Chats, Alertas de Aniversários, Escrita na Parede), gestão de capital social (Procura de Amigos, Envio de Presentes, Jogos, Criação de grupos) entretenimento (Quizzes e Testes), expressão identitária (Colocação de Vídeos) e intervenção social (Apoio a Causas). (Cardoso & Lamy 2011: 79)

Um estudo feito por Rima Hammoudi sobre utilizadores do *bookstagram* aponta para motivações semelhantes nos leitores: “The participants expressed several reasons why they began a bookstagram account, including wanting to join a fandom, increase their reading-related interactions with other readers, expand their literary repertoire, and share their passion for books with others” (2018: 16).

Articulando com as categorias sugeridas por Cardoso e Lamy, encontramos na descrição de Hammoudi um uso do *bookstagram* que é feito sobretudo para fins de fortalecimento de laços sociais e gestão de capital social.

Ao mesmo tempo, Nakamura sugere que o Goodreads é também uma ferramenta de expressão identitária, ao referir que

books displayed in bookcases have always been sites of public display and sharing, a form of public consumption that produces and publicizes a reading self. Cruising a bookshelf at a party is a licensed form of surveillance. The immateriality of electronic books poses a challenge to this aspect of literary and domestic culture (...). Goodreads addresses this lack by inviting users to fill their virtual shelves with images of books for others to see, digitizing the bookcase as well as its books. (2013: 4)

Partindo desta premissa, nesta dissertação pretende-se compreender quais as principais motivações e usos das RSO em contexto de leitura, sendo que análise dos resultados irá mostrar que as motivações demonstradas vão além das apontadas por estes autores.

3. Metodologia

Para esta dissertação foi adotada uma metodologia qualitativa com base em entrevistas semiestruturadas mediadas pelas redes sociais *online* (RSO). Neste método, o recurso à entrevista foi complementado pela navegação nas RSO dos entrevistados que assumem aqui o papel de *co-investigadores*⁴, termo baseado no método *scroll back* introduzido por Robards e Lincoln (2017; 2019).

3.1. Entrevista mediada pelas RSO

Antes de começar as entrevistas foi feita uma pesquisa exploratória *online*, entre maio de 2019 e maio de 2020, durante a qual foram seguidas uma série de contas do Instagram de modo a conhecer melhor o universo dos *bloggers* de leitura. Estes 12 meses de observações, ou seja, até maio de 2020, permitiram compreender melhor aquele universo, assim como as dinâmicas que suscitaram mais interesse para esta pesquisa. Conhecer melhor o objeto de estudo ajudou a elaborar as questões centrais desta dissertação, contudo, foram observações feitas num contexto informal, pelo que não houve um mapeamento das observações ou a elaboração de um diário de campo. Estas observações são sintetizadas no ponto 4. Relatório de Observações.

Regressando à metodologia central desta dissertação, a ideia inicial era a de fazer uma entrevista presencial com recurso a um *tablet*, durante a qual o entrevistado seria convidado a fazer *login* nas RSO que mais utiliza para falar sobre livros. As medidas de distanciamento físico ditadas a partir de março de 2020 obrigaram a uma mudança de planos: as entrevistas foram antes realizadas através da plataforma Zoom, com recurso a áudio, vídeo (de ambas as partes) e partilha de ecrã.

A partilha de ecrã via Zoom permitiu manter uma dinâmica semelhante à inicialmente planeada: as perguntas foram feitas ao mesmo tempo que os entrevistados eram convidados a percorrer as suas redes sociais *online*, podendo consultar e partilhar os seus *feeds* pessoais, as listas de seguidores ou amigos, as suas contas preferidas, havendo mesmo abertura para partilharem outros *sites* ou blogues da sua preferência, tudo isto mantendo o foco nas RSO utilizadas para partilhar conteúdo, debater, ou consultar informação em torno da leitura de livros por lazer.

⁴ Tradução livre de *co-analysts* (Robards e Lincoln, 2017; 2019).

Inicialmente foram entrevistadas três pessoas, às quais foi explicado o perfil que se procurava: pessoas ativas nas redes sociais *online* e que as utilizem para consultar e/ou partilhar conteúdo sobre leitura de livros por lazer. A partir daí, com recurso ao método “bola de neve” (Bryman, 2004), todos os entrevistados foram convidados a sugerir outros utilizadores que encaixassem neste perfil, sendo que a maioria sugeriu de uma a três pessoas. Não foi especificada nenhuma RSO em particular – e isso foi deixado claro durante as entrevistas – mas foram sempre indicadas contas do Instagram (mesmo que alguns destes utilizadores não usassem esta RSO para falar sobre livros), pelo que foi a partir desta plataforma todos os entrevistados foram contactados, através de mensagem privada.

De um total de 22 convites, 15 foram aceites (incluindo aqui as 3 entrevistas “de partida”). As entrevistas decorreram entre 13 de julho e 9 de setembro de 2020⁵, sendo que duraram em média 1 hora. Não se estabeleceu nenhum critério *à priori* no que toca ao perfil sociodemográfico dos entrevistados, e tampouco relativamente ao número de livros lidos por ano, ou a algum género literário em particular. Estes critérios foram mantidos bastante em aberto, de modo a respeitar o carácter indutivo da metodologia adotada. Afinal, um dos objetivos centrais desta dissertação foi o de explorar *quem* são estes leitores ativos nas RSO, pelo que delimitar o perfil dos entrevistados por género, idade, escolaridade, profissão ou mesmo número de livros lidos poderia ser um entrave para atingir este objetivo.

Como se irá aprofundar ao longo da análise dos resultados, entre 15 entrevistados, 14 são mulheres, para apenas 1 homem. A nível de escolaridade, todos eles tinham pelo menos licenciatura, havendo, no entanto, alguma diversidade no que toca à escolaridade dos pais ou tutores. E apesar de se encontrar também alguma heterogeneidade no que toca a categorias profissionais e condições perante a profissão, pode-se inserir a grande maioria dentro das novas classes médias, ou profissionais técnicos e de enquadramento (Costa & Mauritti, 2018).

Mesmo tendo em conta esta relativa homogeneidade no que toca ao perfil socioprofissional dos entrevistados – que também poderá ser explicada, pelo menos em parte, pela adoção do método “bola de neve” – a multiplicidade de opiniões, reflexões e usos, tanto em relação aos livros, como às RSO permitiu uma relativa “diversificação interna” (Guerra, 2006: 41) dentro deste universo, sendo que apenas se começou a chegar ao ponto de saturação teórica por volta das 15 entrevistas.

⁵ A calendarização das entrevistas está disponível no Anexo B.

No entanto, e tendo em conta o tamanho do universo da análise, a homogeneidade no que toca ao perfil socioprofissional dos entrevistados, e as próprias limitações de tempo e os recursos inerentes a uma dissertação de mestrado, é importante reforçar que não podemos inferir a partir destas entrevistas conclusões sobre todos os leitores ativos nas RSO em Portugal.

Como afirma Isabel Guerra, o que está em causa nas metodologias qualitativas “não é a definição de uma imensidade de sujeitos estatisticamente ‘representativos’, mas sim uma pequena dimensão de sujeitos ‘socialmente significativos’” (2006: 20), pelo que “não nos parece aconselhável chamar ‘amostras’ aos universos de análise qualitativa, já que este é um conceito ligado a uma representatividade estatística e não à representatividade social que se pretende neste tipo de pesquisa” (2006: 21).

O objetivo, ao fazer estas entrevistas semiestruturada guiada pelas RSO, foi sobretudo estimular a reflexividade dos participantes, convidando-os a visitar as suas redes sociais e a pensar os seus hábitos de leitura, contribuindo desta forma para o conhecimento existente sobre classe leitora, redes sociais *online* e a relação entre leitores e internet. Assume-se, portanto, que os entrevistados são sujeitos capazes de “racionalidades próprias e comportamentos estratégicos que dão sentido às suas ações” (Guerra, 2006: 17).

Como afirma Gangneux, nem sempre a análise dos meios digitais tem conta esta dimensão subjetiva e auto-reflexiva: “digital devices tend to track and record activities and ‘doings’ – what they called ‘the doing subject’ – but not to track ‘the reflexive and self-eliciting subject’” (Ruppert *et al. apud* Gangneux, 2019: 3). Esta é uma das principais razões por que se decidiu aliar a entrevista semiestruturada à navegação nas RSO.

Como apontam Robards e Lincoln, “using the pages and profiles that constitute digital social media as ‘texts’ for analysis or as prompts in interviews is not new.” (2017: 720). Estes mesmos autores introduziram o método *scroll back* (2017; 2019), onde os entrevistados são convidados a percorrer os seus perfis do Facebook de modo a explorar narrativas longitudinais sobre os seus percursos de vida.

Outros exemplos incluem o uso do Facebook para compreender autorrepresentações de jovens LGBT nas redes sociais *online* (Duguay, 2014), o uso dos registos de atividade e histórico de pesquisa do Facebook durante entrevistas (Gangneux, 2018), assim como aquilo a que Latzko-Toth, Bonneau e Millette (2017) denominam de *trace interview*, por utilizarem as RSO para explorar o “rasto” digital dos indivíduos.

O método desenvolvido ao longo desta investigação foi baseado em muitos aspetos no *scroll-back*, sendo que foram também utilizados alguns elementos referidos por Gangneux (2019). Por aglutinar elementos comuns a vários métodos, denomina-se aqui a metodologia utilizada nesta dissertação de “entrevista mediada pelas RSO”.

A metodologia introduzida por Robards e Lincoln tem, como já referido, um foco sobretudo longitudinal e autobiográfico, pretendendo focar-se “on the long-term, sustained use of social media platforms” (2017: 720), e na forma como os utilizadores adotam estas plataformas como arquivo dos seus percursos pessoais ao longo da juventude, tendo em conta a omnipresença destas plataformas no quotidiano dos jovens: “Scrolling is also increasingly how people navigate personal histories and digital traces of their own lives. (...) Scrolling has also become a daily ritual and a routine part of everyday life.” (Robards & Lincoln, 2019: 2)

Já Justine Gangneux fez uma série de entrevistas semiestruturadas, durante as quais os participantes eram convidados a explorar o histórico de pesquisa das suas páginas pessoais do Facebook, assim como o respetivo registo de atividades (Gangneux, 2019: 6), com o objetivo de compreender “the meanings that young adults ascribed to social media, their everyday engagement with the platforms and in particular their perceptions of peer monitoring and profile checking practices on these platform.” (Gangneux, 2019: 6).

O elemento central retirado do método *scroll back* foi a noção do entrevistado enquanto *co-investigador*. Posicionando-se como *co-investigadores*, os entrevistados têm a liberdade de explorar a sua própria utilização das redes sociais *online*, podendo assim refletir e dar significado às suas próprias práticas e interações.

Colocar o entrevistado na posição de *co-investigador* proporciona-lhe também a liberdade de escolher que conteúdos e que plataformas este pretende, ou não, partilhar: “The scroll back method necessitates involving participants in this process as coanalysts to make sense of and interrogate these digital traces.” (Robards & Lincoln, 2019: 3) Assim, a posição de *co-investigador* também é importante do ponto de vista ético – a riqueza dos dados obtidos através das redes sociais *online* é frequentemente confrontada com questões relacionadas com privacidade, consentimento e intencionalidade (Robards & Lincoln, 2017; 2019). Com este método, pretende-se também “devolver” algum do controle sobre a partilha de dados de utilização das RSO aos entrevistados, garantindo ao mesmo tempo o anonimato – os nomes dos entrevistados aqui mostrados são fictícios, e quaisquer *nicknames*, *URLs*, *handles*, ou nomes de clubes de leitura ou outros projetos pessoais referidos ao longo da entrevista foram

anonimizados posteriormente. Foi também enviado um formulário de consentimento informado por email a todos os entrevistados.

Contudo, o foco da pesquisa não tem os elementos longitudinais do método *scroll back*, visto que não foi especificada uma janela temporal durante a qual o entrevistado poderia navegar. É nesse aspeto que esta pesquisa se aproxima mais da abordagem de Justine Gangneux, pois o objetivo está mais relacionado com os usos, perceções, autorrepresentações e significados atribuídos pelos entrevistados tanto em relação à leitura de livros, como à utilização das RSO.

Este método foi adotado sobretudo com a intenção de estimular a memória dos entrevistados, e por se considerar também que é mais fácil refletir sobre o nosso uso das redes sociais *online* enquanto estas estão a ser utilizadas.

Nesse sentido, e como referiram também Robards e Lincoln (2019: 2-3), esta metodologia é semelhante à *photo elicitation* utilizada há muitos anos por antropólogos e sociólogos, com o intuito de estimular a memória – “This was its compelling effect upon the informant, its ability to prod latent memory, to stimulate and release emotional statements about the informant’s life” (Harper, 2002: 14) – e também de estabelecer pontes entre o entrevistador e o entrevistado: “Photo elicitation may overcome the difficulties posed by in-depth interviewing because it is anchored in an image that is understood, at least in part, by both parties.” (Harper, 2002: 20).

Os comentários de Robards e Lincoln sobre a relação entre imagem e memória assemelham-se aos de Harper, ao observarem que “Facebook is framed as an archive of memories or at least a prompt through which memory is triggered. (...) The Timeline serves as a prompt to elicit storytelling” (2017: 725 - 727).

Gangneux (2019) acrescenta uma reflexão sobre o “dinamismo” das redes sociais *online* como um fator que as distingue enquanto ferramenta durante as entrevistas e, de facto, esta diferença verificou-se durante as entrevistas:

There is a long tradition of using digital and non-digital probes in qualitative research to elicit discussion and encourage participants to reflect upon their lives and past experiences. In this context, researchers have used a range of artefacts including photographs, videos, graphics, maps and diaries (Bagnoli, 2009; Banks, 2008; Copeland & Agosto, 2012). However, using digital platforms and the data generated through them as probes in interview settings differs in several ways from other forms of research probes. Digital platforms and their specific features (timeline, profile, activity logs, etc.) offer users the possibility to interact with data (e.g. scrolling down and clicking on links) in a responsive manner. (Gangneux, 2019: 4)

Ao contrário do que Harper aponta como um ponto positivo da *photo elicitation* – “The material obtained with photographs was precise and at times even encyclopedic; the control interviews were less structured, rambling, and freer in association.” (Collier, 1957 *apud* Harper, 2002: 14) – verificou-se que este “dinamismo” das redes sociais *online*, ou seja, o facto de os entrevistados poderem navegar em várias páginas, fazer *likes*, seguir hiperligações, enquanto eram entrevistados, resultou frequentemente numa perda de foco, e por vezes em respostas que acabavam por se desviar da pergunta inicial.

Em suma, a metodologia aqui adotada, se por um lado traz muita riqueza de dados, por outro deixa os entrevistados muito mais propensos à divagação. Isto obrigou a adaptar a abordagem a partir da terceira entrevista: inicialmente, os entrevistados podiam entrar nas suas RSO e partilhar o seu ecrã assim que quisessem. Aliás, muitas vezes, estes perguntavam se podiam entrar nas suas RSO e partilhar o ecrã antes da primeira pergunta. Assim sendo, e tendo em conta que a primeira parte da entrevista se foca nos hábitos de leitura de livros dos entrevistados (independentemente do uso que dão à internet), decidiu-se passar a pedir expressamente que apenas começassem a partilhar o seu ecrã a partir da segunda parte da entrevista.

É também importante assinalar que os estudos aqui referidos utilizaram apenas uma RSO, o Facebook e, na maioria dos casos, estas pesquisas focaram-se em elementos concretos da arquitetura deste *site*: seja o histórico de pesquisas, como é o caso de Gangneux, ou a *timeline*, no caso de Robards e Lincoln.

No caso desta pesquisa, e como se irá observar ao longo da análise de resultados, concluiu-se que Facebook é uma RSO muito pouco utilizada pelos entrevistados. Ao mesmo tempo, e tendo em conta as observações feitas antes de dar início às entrevistas, os leitores analisados utilizam, regra geral, mais do que uma RSO para partilhar e consultar conteúdo sobre leitura, pelo que não faria sentido o foco em apenas uma plataforma. Por essa razão, o método aqui usado difere dos acima referidos, no sentido em que não existe um foco na utilização duma RSO em concreto, e tampouco de ferramentas particulares dessas RSO. É de notar, no entanto, que Robards e Lincoln reforçam que, apesar de terem usado esta metodologia no Facebook, esta pode ser aplicada a outras RSO (Robards & Lincoln, 2019: 1).

3.2 A elaboração do guião da entrevista

O guião da entrevista foi elaborado com base numa série de estudos já feitos sobre leitura e sobre modos de relação com as RSO. Sobre hábitos de leitura, a principal fonte foi o estudo *A Leitura em Portugal* promovido pelo Plano Nacional de Leitura (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007).

Já relativamente aos modos de relação com as RSO, as questões, não sendo idênticas, basearam-se em parte no trabalho de Justine Gangneux (2018) sobre os usos e significados atribuídos às RSO pelos jovens, e na dissertação de Rima Hammoudi (2018) sobre a comunidade *bookstagrammer* e o seu contributo para a “*voluntary literacy*” (Hammoudi, 2018).

Abaixo apresenta-se a grelha da entrevista, onde foram explicados os principais tópicos, perguntas do guião, e que informação se procurou obter como cada uma destas perguntas:

Tabela 1 - Grelha da Entrevista

Tópicos	Perguntas	Informação Pretendida
Hábitos de leitura de livros	Podia falar-me de como descobriu o seu gosto pela leitura? Houve alguém particularmente importante para este processo? Houve alguma obra particularmente marcante?	Compreender o processo de introdução do entrevistado à leitura. Perceber o possível impacto do ambiente familiar e/ou escolar no desenvolvimento do gosto pela leitura. Compreender que obras e géneros literários influenciaram este processo de introdução.
	Como costuma procurar novos livros para ler?	Perceber a possível influência dos pares (família, amigos), crítica literária, clubes de leitura e/ou internet e redes sociais <i>online</i> na descoberta de novas leituras.
	No seu círculo pessoal, ou seja, entre família e amigos, tem pessoas que partilham o seu interesse pela leitura?	Explorar como os entrevistados(as) se compreendem enquanto leitores, em relação ao seus círculos mais íntimos.
	Tem por hábito tomar nota das suas leituras? Porquê/porque não? Se sim, como as regista?	Compreender hábitos de quantificação das leituras, ligados também à valorização da leitura. Preâmbulo para questionar sobre o número de livros lidos em 2019.
	Tem uma ideia de quantos livros leu no ano passado (2019)?	Compreender se é possível inserir os entrevistados na classe leitora, e na categoria de <i>keen readers</i> (+12 livros por ano).
	Eram de que géneros?	Explorar padrões no que toca aos géneros literários mais lidos. Iniciar conversa sobre conceitos como leitura “de qualidade” ou “alta”

		literatura versus literatura <i>pop</i> ; “omnivorismo” cultural.
	Podia dizer-me se estabelece objetivos de leitura? Porquê / porque não? Tem neste momento algum objetivo de leitura? E para o futuro? Costuma partilhar os seus objetivos?	Compreender hábitos de quantificação das leituras – ligados também à valorização da leitura. Explorar a ideia de “dever” associado à leitura. Compreender se os objetivos são mais a nível de número de livros, ou de géneros/autores.
	Costuma participar em leituras em grupo?	Explorar a leitura enquanto prática social. Perceber se os entrevistados têm por hábito participar em clubes de leitura.
	Qual é a sua opinião sobre os hábitos de leitura dos portugueses?	Compreender como é que os entrevistados se percecionam enquanto leitores relativamente ao resto da população portuguesa.
Modos de relação com as RSO	Podia mostrar-me as plataformas que mais usa para falar sobre livros, ou para consultar informação sobre leitura?	Dar início à partilha de ecrã. Registrar que RSO os entrevistados utilizam para consultar e/ou partilhar conteúdo sobre livros.
	Sugeria que percorrêssemos um pouco estas páginas. Quais são os principais usos que dá a cada uma desta(s) plataforma(s)?	Compreender usos e domesticações dadas às várias RSO (ou apenas a uma, se for o caso). Estimular a memória dos entrevistados através do <i>scrolling</i> .
	Considera que as RSO têm algum impacto nos seus hábitos de leitura?	Entender a forma como os entrevistados percecionam as RSO relativamente aos seus hábitos de leitura – sobretudo entender se têm um prisma positivo ou negativo sobre as RSO relativamente aos seus hábitos.
	Utiliza uma conta à parte sobre leitura? Porquê/porque não?	Compreender autorrepresentações nas RSO; explorar mais a fundo a forma como se percecionam enquanto leitores em relação aos seus pares.
	Podia falar-me sobre a sua última publicação relacionada com livros nesta RSO/em cada uma destas RSO?	Estimular a discussão sobre o tipo de conteúdos sobre livros que são produzidos pelo entrevistado.
	Olhando para os utilizadores, blogues ou grupos que segue nas várias RSO, tem alguma(s) preferida(s)? Se sim, porquê?	Estimular a discussão sobre o tipo de conteúdos sobre livros que são consumidos pelo entrevistado. Explorar possíveis influências de outros utilizadores nos próprios hábitos de leitura.
	Fez novos amigos através das RSO/blogues sobre leitura?	Explorar o papel das RSO enquanto ferramenta de “integração” dos leitores.
	Tem mais algum comentário a fazer sobre a sua experiência no bookstagram/booktube/Facebook/Goodreads/blogue(s)/(...)?	Pergunta “livre” com o objetivo de dar espaço ao entrevistado de aprofundar as suas respostas e trazer novas reflexões.

Caracterização Socioprofissional	Primeiro nome?	Identificar o entrevistado, mantendo a confidencialidade e o anonimato. Os nomes foram posteriormente anonimizados.
	Idade	Comparar a idade do conjunto dos entrevistados com os dados sobre leitores em Portugal e classe leitora em Portugal.
	Sexo	Comparar o sexo do conjunto dos entrevistados com os dados sobre leitores em Portugal e classe leitora em Portugal.
	Qual foi o grau máximo de escolaridade que concluiu?	Compreender e operacionalizar o capital cultural institucionalizado dos entrevistados. Comparar com os dados sobre leitores em Portugal e classe leitora em Portugal.
	E em relação aos seus pais ou tutores?	Compreender e operacionalizar o capital cultural institucionalizado da família dos entrevistados. Comparar com os dados sobre leitores em Portugal e classe leitora em Portugal.
	Qual é a sua situação na profissão / condição perante o trabalho?	Compreender a classe social do entrevistado e operacionalizá-la inserindo na respetiva tipologia ACM.
	Qual é a sua profissão?	Compreender a classe social do entrevistado e operacionalizá-la inserindo na respetiva tipologia ACM.

4. Relatório de Observações

Fazendo uma breve pesquisa no Instagram pela *hashtag* #bookstagram, é possível encontrar um total de 32,900,000 de publicações a nível global⁶. Alguns autores exploram o potencial das redes sociais *online* para estimular as capacidades de leitura entre jovens e adolescentes (Hammoudi, 2018), e também enquanto ferramentas de autorrepresentação e socialização (Hammoudi 2018; Jeffman, 2017).

Quando foi delineado o desenho da pesquisa desta dissertação, a intenção inicial era a de estudar exclusivamente a utilização do Instagram pelos leitores – aquilo a que os seus utilizadores denominam de *bookstagram*.

Por essa razão, em março de 2019, começou-se por seguir uma série de *bookstagrams*. Foi utilizada uma conta pessoal, sendo que foi assumido o papel de observadora não-participante: não foram feitos *likes*, comentários, não houve qualquer interação com estes utilizadores via *direct message*, nem qualquer participação nas atividades *online* dedicadas à leitura que estes frequentemente promovem.

É importante sublinhar que estas foram observações exploratórias, feitas diariamente como parte de uma utilização pessoal das RSO, pelo que não é possível a partir daqui inferir sobre o comportamento da comunidade de leitores *online* como um todo, nem sobre todos os *bookstagrammers* portugueses. Tampouco é esta a metodologia central da dissertação.

Inicialmente, foram adicionadas algumas contas portuguesas, encontradas através de pesquisas por *hashtags* como a #bookstagramofportugal ou a #lêportuguês, e a partir daí bastou recorrer às sugestões de amizade geradas automaticamente pela própria plataforma, assim como às listas de seguidores dos utilizadores já adicionados. O Instagram oferece também a possibilidade de seguir as próprias *hashtags*, o que foi muito útil para acompanhar as várias atividades literárias que foram sendo promovidas.

Neste capítulo irão ser sintetizadas as principais observações, que culminaram numa mudança do próprio objeto de estudo: em vez deste estudo se circunscrever ao Instagram, como inicialmente planeado, decidiu-se estudar a utilização das várias RSO pelos *keen readers*.

O primeiro aspeto a apontar é o facto da maioria das *bookstagrammers* observadas serem mulheres, uma característica também comum nos clubes de leitores “offline” (Sedo, 2003). A

⁶ Dados recolhidos a 5 de maio de 2020.

nível de idades, o leque é bastante variado, não tendo sido possível definir uma janela etária apenas através destas observações.

Os *bookstagrammers* publicam fotografias das suas leituras atuais, frequentemente acompanhadas de sínteses e críticas literárias, interagem com outros *bookstagrammers*, procuram recomendações, publicam imagens dos livros que planeiam ler – conhecidas no jargão próprio desta comunidade como “TBR” (*to be read*). Publicam também os livros que pretendem comprar (*wishlists*), assim como as aquisições mais recentes, que denominam como *book hauls*. Alguns *bookstagrammers*, aqueles com mais seguidores, chegam a estabelecer acordos com editoras, promovem *giveaways* (ou seja, sorteios de livros) e oferecem códigos de desconto em lojas *online*.

Um aspeto a realçar é a interconexão entre o Instagram e outras RSO – muitos destes utilizadores eram também autores de blogues sobre leitura ou criadores de canais do YouTube, alguns desafios literários começam no YouTube ou num blogue e são depois levados para o Instagram e para o Facebook (e vice-versa). Quase todas as contas observadas incluíam na *bio*⁷ uma ligação para a respetiva página do Goodreads, ou pelo menos indicavam o seu *status* no *Goodreads Reading Challenge*, isto é, o objetivo anual de leituras e quantos livros já teriam lido.

Um outro aspeto relevante a assinalar é o facto destas contas serem inteiramente dedicadas à leitura, não sendo incomum o *bookstagram* constituir uma conta criada à parte para este fim, complementar à conta pessoal. Observam-se as mesmas características apontadas por Tauana Jeffman relativamente à comunidade *booktuber*:

Há uma diversidade de conteúdos que compõem os *booktubes*, assim como uma diversidade de conexão para a construção de redes sociais e expressões próprias desta comunidade. Ressalto, porém, que para ser considerado um *booktube*, é preciso que haja uma continuidade de conteúdos relacionados aos livros e/ou ao universo literário. Vídeos esporádicos sobre livros ou leituras em canais de outros segmentos não os caracterizam enquanto *booktube*. (2017: 187)

Contudo, apesar destas contas serem dedicadas ao livro, ocasionalmente há também publicações ou *stories* sobre outras formas de expressão cultural, como filmes e séries. Muitas fotografias da coleção de livros destes utilizadores estão também repletas de memorabilia da cultura *pop*, sobretudo de adaptações populares de livros ao cinema e à TV, como é o caso de

⁷ De “biografia”, é a área do perfil pessoal do Instagram onde os utilizadores incluem uma breve descrição sobre si próprios.

Harry Potter ou Game of Thrones. Notam-se aqui características tanto da classe leitora, constituída no geral por “omnívoros culturais” (Neves, 2015: 74), como da *fan culture*, no que toca à predileção pelo colecionismo (Sullivan, 2013: 208).

No estudo de Jeffman sobre o *BookTube*, é possível observar várias as semelhanças entre o comportamento dos utilizadores do *BookTube* e do *bookstagram* – desde vídeos sobre os *TBR*, às *bookshelf tours* (Jeffman, 2017: 302), passando pelos *book hauls* e as *whislists*, são muitos os conteúdos em comum entre ambas as plataformas.

O Instagram revelou-se, portanto, como uma de várias ferramentas para estes leitores se dedicarem ao seu *hobbie*, pelo que deixou de fazer sentido encarar a plataforma em si enquanto objeto de estudo.

O elemento transversal a todas estas observações foi uma enorme valorização da leitura por parte destes utilizadores. Por exemplo, quando começou o estado de emergência em resposta à epidemia do Covid-19, em março de 2020, tornaram-se muito frequentes as publicações sobre o valor da leitura durante o confinamento, tendo-se também multiplicado os desafios literários e as maratonas de leitura. Foram observadas algumas publicações expressando frustração sobre como toda a disrupção da rotina causada pela pandemia estava a dificultar a concentração na leitura, e também foram publicados textos e comentários sobre como manter e publicar objetivos de leitura e participar nas atividades desta comunidade *online* poderia ser um estímulo importante.

São igualmente frequentes publicações que expressam sentimentos de isolamento ou frustração pelo facto da leitura não ser uma atividade vista, por estes utilizadores, enquanto socialmente valorizada e mais disseminada, algo que Rima Hammoudi também observou quando entrevistou *bookstagrammers* adolescentes. (2018: 46-47)

A importância da leitura na vida destes indivíduos, a utilização intensiva da internet, o sentido de “dever” ler mais, aliado à perceção de que constituem uma minoria enquanto *keen readers*, encaixa-se em muitas das observações de Wendy Griswold (2005; 2008; 2011), tanto sobre a cultura de leitura como sobre a classe de leitores.

5. Análise de Resultados

5.1. O processo de análise

A entrevista semiestruturada medida pelas RSO, tal como mencionado no ponto 3. Metodologia, permitiu respostas muito aprofundadas e muita riqueza no que toca aos dados obtidos ainda que, como também já referido, tenha levado igualmente a uma certa perda de foco por parte dos entrevistados.

Com isto em mente, depois de reunidas todas as entrevistas, foi feita uma leitura flutuante do material recolhido. Foram feitas anotações sobre cada uma das entrevistas, nas quais a informação recolhida foi sintetizada numa série de pontos-chave, interpretados à luz do quadro teórico de referência. A técnica adotada é a da análise de conteúdo temática, na qual “são identificados os *corpus* centrais da entrevista a analisar em profundidade (...), com recurso à identificação e à contagem das categorias e subcategorias.” (Guerra, 2006: 83).

Partindo este estudo de um prisma sociológico, que encara o leitor enquanto audiência (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011), a análise feita pretende responder a questões sobre “Quem lê? Como leem? O que leem? O que fazem com o que leem?” (Neves, 2015: 69).

5.2. Caracterização Socioprofissional

Em primeiro lugar, e citando novamente Neves, procura-se compreender “quem lê” (2015: 69). Assim sendo, no final de cada entrevista, foi feito um breve inquérito com respostas de escolha múltipla, que foi mostrado aos entrevistados via Zoom, através da função de partilha de ecrã.

A partir deste inquérito foi possível tipificar o conjunto dos entrevistados por sexo, idade, escolaridade concluída, escolaridade dos pais ou tutores, assim como pela tipologia de operacionalização da classe social ACM, resultante do cruzamento da variável situação na profissão com a variável profissão (Costa & Mauritti, 2018: 12).

Tal como referido no ponto 3. Metodologia, observou-se uma grande homogeneidade no que toca ao sexo. Num conjunto de 15 participantes, foram entrevistadas 14 mulheres e apenas 1 homem. Relativamente à idade, esta varia entre os 21 anos e os 38, sendo que a maioria está situada entre os 25 e os 30 anos de idade.

Este universo de análise é também homogéneo em relação à escolaridade, sendo que todos os participantes completaram o Ensino Superior – mais concretamente, 6 dos entrevistados são licenciados, e 9 completaram o mestrado ou licenciatura pré-Bolonha. Como observam Griswold, McDonnell e Wright:

The demographic characteristics of readers have remained constant: Reading is associated above all with education. This association is the case worldwide. A 20-country survey concludes that “formal educational attainment is the main determinant of literacy proficiency. For 17 of the 20 countries it is both the first and the strongest predictor. (2005: 129)

Já relativamente à escolaridade dos pais observa-se uma maior diversidade, sendo que esta varia desde o ensino básico até ao doutoramento:

Tabela 2 - Escolaridade máxima concluída pelos pais ou tutores dos entrevistados

Grau de escolaridade	Pai	Mãe
Ensino básico (até ao 3º ciclo – 9º ano)	6	4
Ensino secundário (12º ano)	4	5
Ensino superior – licenciatura (Bolonha)	3	1
Ensino superior – mestrado ou licenciatura pré-Bolonha	3	3
Ensino superior – doutoramento	0	1
Base	15	15

Por fim, foram cruzados os dados relativos à situação na profissão com os da profissão. Concluiu-se que a maioria se enquadra nos profissionais técnicos e de enquadramento (PTE), havendo também alguns profissionais liberais, que aqui se encaixariam na categoria EDL. Dentro deste universo de análise, apenas uma entrevistada se situa na categoria dos empregados executantes. Os dados sobre os leitores em Portugal coincidem com os deste grupo de entrevistados:

O cruzamento dos que leem livros (independentemente do tipo) pela categoria socioprofissional evidencia duas categorias com valores percentuais mais elevados: profissionais técnicos e de enquadramento (PTE) (85%) e, secundariamente, empregados executantes (EE) (59%) (...). A categoria empregados dirigentes e profissionais liberais (EDL) regista ainda um valor relevante (51%) ao passo que nas duas outras predominam os que não leem livros. (Neves, 2015: 76)

Como mencionado no ponto 3. Metodologia, pode-se colocar a hipótese de que a relativa homogeneidade socioprofissional deste grupo de participantes tenha sido influenciada pelo facto de ter sido adotado o método de recolha “bola de neve”.

No entanto, é relevante apontar que o perfil sociodemográfico deste conjunto de entrevistados coincide, em muitos aspetos, com os dados levantados por sobre a classe leitora, composta por “membros altamente escolarizados e de elevado capital económico, jovens, lendo regularmente livros em situações de lazer e trabalho (sobrestima-se aqui a modalidade do impresso) e, cumulativamente, usando a internet” (Cameira & Cardoso, 2014a: 8).

Também Sedo observa que os membros dos clubes de leitura “generally match the demographic criteria of readers outlined by Griswold, McDonnell, and Wright” (Sedo, 2003:

72). De facto, como se irá observar ao longo da análise de resultados, há uma interseção entre leitores ativos nas RSO e participantes de clubes de leitura (sejam estes *online* ou *offline*).

5.3. Hábitos de leitura de livros

A primeira parte da entrevista foca-se nos hábitos de leitura de livros dos entrevistados, independentemente da sua relação com a internet e com as RSO – ainda que, como se irá observar ao longo desta análise, a leitura e uso da internet para estes participantes sejam práticas que estão intrínsecamente ligadas.

Ainda assim, procurar compreender os hábitos de leitura dos participantes sem um foco direto no uso da internet ajuda a evitar um possível viés determinístico em relação à tecnologia, ou seja, procura-se evitar partir do princípio que estes participantes leem *por causa* das RSO.

Hammoudi afirma que os utilizadores adolescentes do *bookstagram* que participaram no seu estudo tinham sólidos hábitos de leitura que precediam o uso desta plataforma, contudo:

Even as adolescents who already have a deep love for reading, all of the participants still craved something more, still felt a degree of want. Bookstagram complemented their reading experiences and provided them the opportunity to both cultivate whatever aspects they felt were missing in their reading lives, and to discover new realms of their reading interests. Participants specifically described reading more, branching out into different genres, reading more attentively, and embracing reading. (2018: 46)

De facto, os hábitos de leitura de livros por lazer de todos os participantes deste estudo foram estabelecidos na infância. Muitas vezes descrevem a sua introdução à leitura de livros como um processo “natural” ou “orgânico”, como se pode observar nos excertos abaixo:

Sara: Eu comecei a ler aos quatro anos, foi uma coisa orgânica. Ninguém me ensinou a ler. Ou seja, se me perguntares “como é que começaste a ler?” é a mesma coisa que perguntares “como é que começaste a respirar?”.

Filipa: Eu tive uma inclinação sempre muito natural, não sei se por imitação, ou por gosto natural, mas sempre estive inclinada para os livros. Fui uma criança muito solitária, por ser filha única, neta única, sobrinha única, então estive sempre de volta dos livros, muito introspetiva (...) Claro que os livros surgiram na idade de começar a aprender a ler, por volta dos 5, 6 anos. (...)

Mónica: Foi muito antes da primária (...) Eu era muito pequenina e a minha mãe lia-me livros, e eu olhava para os livros enquanto ela estava a lê-los e fui-me apercebendo como é que se lia. Até que uma vez, os meus pais já tinham ido para a cama e ouviram-me pelo intercomunicador a tentar ler um livro. Eu ensinei-me a mim própria a ler em criança, de certa forma.

5.3.1. A Leitura no Agregado Familiar

Mesmo tendo em conta a diversidade de graus de escolaridade dos pais dos entrevistados, a maior parte mencionou uma presença de estímulo à leitura no ambiente familiar, apesar de nem todos afirmarem vir de famílias com hábitos de leitura. Apenas duas pessoas não mencionaram a família como a principal figura marcante no processo de introdução à leitura.

Filipa: Na minha casa todas as pessoas leem muito, e mesmo quando não leem muito, por questões de disposição, ou por não estarem nessa fase de ler, na verdade, nós compramos muitos livros, e sempre nos foram dados muitos livros para a mão. O meu pai trabalha num alfarrabista e é bibliógrafo, e a minha tia é historiadora, e eu cresci com eles. A minha avó também lê imenso (...), então os livros sempre estiveram à disposição e sempre me deram [livros], desde muito nova (...).

Maria: Foi-me inculcado pela minha mãe. A minha mãe gosta de ler, ainda que o tempo não seja muito, mas sempre me incentivou a ler, e desde pequena que me comprava livros.

Francisca: Não sei bem [quando começou o interesse pela leitura]. Eu não consigo ‘marcar com um alfinete’ essa altura, porque acho que sempre cresci em casas que têm muitos livros. (...) Em minha casa sempre tive a sorte dos meus pais incentivarem, na escola também apanhei bons professores, acho que isso é muito importante.

Telma: Havia uma livraria onde eu lia muito com a minha tia, a minha tia lia bastante. (...) A minha mãe, quando eu era muito pequena e ela era mais nova, ela lia muito. (...) Então eu acho que ler era uma coisa que as mulheres da minha família sempre faziam muito.

Outro aspeto a apontar é a importância da presença de livros em casa enquanto fator para despertar o interesse para a leitura – aqui podemos ver a importância do livro enquanto objeto (Griswold, Lenaghan, & Naffziger, 2011), um tema aliás recorrente ao longo das várias entrevistas:

Francisca: A minha avó, uma delas, sabia ler e sabe ler (...) e tem uma biblioteca que herdou do bisavô, que tem livros antiquíssimos e que eu não faço ideia como é que ele tem aqueles livros. E eu já os roubei. (...) Então comecei a ver títulos, nem é bem a pegar neles, mas vais vendo, memorizando as capas (...).

Susana: Sou filha de professores da primária, portanto sempre houve livros lá em casa. (...) É uma coisa que sempre existiu na minha vida, portanto não houve propriamente uma introdução.

Mónica: Os meus pais, o meu pai principalmente, tinha muitos livros, mas não os lia. E o meu avô não tinha muitos livros de literatura, mas tinha muitos atlas, enciclopédias. Então eu era uma criança (...) que não conhecia muitas crianças, e eu lia, lia de tudo.

Eva: Uma pessoa cresce rodeada de livros e acaba por manter esse gostinho pela leitura.

5.3.2. Geração Harry Potter

Os entrevistados citaram muitas obras marcantes, de géneros muito variados, como O Príncipezinho (Luísa), o Diário de Anne Frank (Telma), Pai Rico, Pai Pobre (Madalena), Conde de Monte Cristo (Susana), O Poder do Agora (José), Senhor dos Anéis (Vanda), entre muitos outros – há muita diversidade neste aspeto, mas uma obra que quase todos mencionam é a saga Harry Potter.

Mónica: Eu só comecei a ler ficção com Harry Potter, aos 10. (...) Foi um bocadinho o meu “*gateway drug*” de literatura. (...)

José: Quando era muito miúdo lia muito, tinha muito o hábito de ler, nomeadamente nas férias de verão. Claro que aquelas coisas mais de miúdos, como Uma Aventura e o Harry Potter.

Luísa: (...) Tudo começou na primeira leitura d’O Príncipezinho, com as ilustrações. (...) Depois mais tarde vieram os Harry Potters, e depois a literatura foi-se transformando com o percurso, não só com o percurso pessoal, mas também com o académico.

A saga Harry Potter tem vindo a ser muito abordada no meio académico pela sua enorme influência cultural. Henry Jenkins afirma que esta é uma obra “highly praised for inciting young people to develop their literacy skills” (Jenkins, 2006a: 177). Roberts & Foehr apontam também que a leitura na infância não esta necessariamente a diminuir, em parte graças a fenómenos como o Harry Potter:

Finally, in spite of claims to the contrary . . . there is little evidence that young people’s leisure reading has changed much over the past half-century. (...) If anything, the averages we found are a bit higher than those that seem to have held for some time. Perhaps the increasing number of magazines aimed at children and adolescents and such children’s book phenomena as the recent Harry Potter craze may be helping reading gain a bit (Roberts & Foehr 2004 *apud* Griswold, McDonnell, & Wright, 2005: 130).

Será na passagem da infância para a adolescência que se começa a verificar uma quebra na leitura (Neves, 2011: 60), “quando abandonam o sistema de ensino e ingressam na vida ativa” (2011: 60). Este é, de facto, o ponto de viragem mencionado por alguns dos entrevistados, como é o caso do José:

José: [A leitura] foi um hábito que perdi, ao longo do tempo. Porque a vida vai acontecendo e temos muita coisa a que temos de dar resposta, seja de estudos, seja de trabalho, seja de séries, seja de tudo (...) e acaba por se perder.

Este apenas retomou estes hábitos de leitura em 2018/2019, como aliás já aqui mencionado. Ainda que a maior parte dos entrevistados não tenha referido uma quebra nas suas leituras ao entrar na adolescência ou na idade adulta, todos eles mencionaram que foi nesta altura que se

estabeleceram como leitores, um ponto de passagem normalmente marcado por uma obra em particular:

Susana: O Conde de Monte Cristo foi aquele primeiro calhamaço, que me fez gostar de calhamaços. Li-o quando tinha 17 anos talvez, e foi aquele que me fez dar o salto dos livros mais de adolescentes (...)

Sara: (...) lembro-me que só comecei assim a ler mais a sério aos 16/17. Dantes lia muito aquelas coisas, sei lá, livros d'Os Cinco (...) Só quando comecei a ter de ler no secundário, tipo o Memorial do Convento foi um *milestone* muito grande, os Maias foi um *milestone* muito grande.

Maria: Talvez a Volta Ao Mundo em 80 Dias (...) foi assim o primeiro livro daqueles a sério, não que os outros não sejam a sério, mas o primeiro que a pessoa diga que se orgulha de ter lido aquele livro.

5.3.3. O Leitor e o “Outro”

Ao questionar estes leitores sobre os hábitos de leitura do seu círculo de amigos, e sobre os hábitos de leitura dos portugueses, o objetivo inicial era compreender como é que estes leitores se definem perante o seu meio.

Relativamente aos amigos e família, as opiniões são muito diversas, e tanto há relatos de quem apenas encontrou pessoas com um interesse em comum pela leitura na internet e nos clubes de leitura, como aqueles que dizem que sempre estiveram rodeados de grandes leitores, tanto amigos chegados como familiares.

No entanto, ao expandir a questão para os hábitos de leitura dos portugueses, um aspeto é quase unânime: tanto os que consideram que os portugueses estão a ler mais, como aqueles (a maioria) que tem uma visão negativa sobre os hábitos de leitura no país, encaram-se como pertencendo a um “nicho”, mostrando plena noção de que a maioria não tem hábitos de leitura tao consistentes como os seus. Por exemplo, a Vanda comentou o seguinte:

Vanda: A minha opinião é muito negativa. É assim, eu não tenho uma base sustentada que me permita dizer isto, mas do que eu vejo à minha volta, das pessoas que estão à minha volta, eu acho que se lê muito pouco. (...) Seja pelas fracas vendas de livros em Portugal, temos um mercado muito pequeno, seja pela grande maioria dos miúdos não terem hábitos de leitura. (...) Não acho que os portugueses sejam dos povos que mais e melhor lê. Eu, por estar inserida neste meio, e por seguir tantas pessoas que leem, poderia eventualmente ter uma opinião um bocadinho desfasada da realidade, achar que há muitas pessoas a ler. Há algumas, mas acaba por ser uma minoria.

Aqui entra a *self-awareness* de que Griswold fala ao descrever a classe leitora. Trata-se de um grupo de pessoas que tem consciência que lê mais do que a maioria, que considera ler algo extremamente importante e que se devia ler mais e melhor:

(...) the reading class, always inclined to look down upon those who could read but don't, may even increase its prestige as reading loses its hold on the majority of people. The concentration effect (...), whereby fewer people read but readers are more avid and more self-aware, will ensure this. (2008: 166)

Também surgem dúvidas quanto à qualidade dos livros lidos pelos portugueses. E se por um lado este comentário vem frequentemente acompanhado de afirmações sobre como não há formas “certas” ou “erradas” de ler, também alguns entrevistados são da opinião que de que o género literário é importante, considerando que os portugueses não leem, regra geral, literatura “de qualidade”. A maior parte dos entrevistados partilha uma opinião semelhante à da Telma:

Telma: Eu sou um bocado da opinião polémica que, desde que as pessoas leiam não importa que tipo de livros leem (...). É obvio que não é, para mim, Telma, o melhor tipo de leitura, mas eu acho que esses fenómenos de literatura, esses escritores um bocadinho fenómeno, têm trazido alguma vontade às pessoas de ler. Porque eu acho que toda a gente tem apetência para ler, mas nem toda a gente encontrou o livro perfeito. (...) Eu prefiro que me digas que ninguém está a ler Saramago porque está tudo a ler Chagas Freitas do que me digas que ninguém lê Saramago porque está tudo a ver Netflix (...). Ou seja, ler um livro é melhor que não ler nenhum.

No entanto, alguns afirmam que o tipo de leitura importa, como a Sara:

Sara: (...) Por exemplo, eu tenho alguns livros a venda no OLX. E se fores a ver os livros que estão à venda, sinceramente, as pessoas leem muito, mas não tem grande qualidade, é aquela “ficção de tule”, ficção erótica, houve uma altura em que era *Fifty Shades of Grey* por todo o lado, agora é o Chagas Freitas (...) esse tipo de coisas. Ou seja, há pessoas que leem, mas acho que direcionam a sua energia para um tipo de leitura que não enriquece nada. E não acredito muito naquele argumento que diz que isso que propicia leituras mais densas. Eu acho que se não te habituares a literatura mais densa desde cedo, ou desde uma certa idade, depois é muito difícil dar o salto.

Independentemente da opinião sobre a chamada literatura *light*, vemos aqui uma valorização, não só do ato de ler, mas da qualidade das leituras, um padrão já apontado por Griswold e que também define a classe leitora: “the increasing division between reading as a matter-of-fact practice of just about everyone, and reading — the reading of literature, of serious nonfiction, of the quality press — as an esteemed, cultivated, supported practice of an educated elite.” (2008: 68)

Esta questão da distinção social e da auto-perceção destes leitores enquanto pertencentes a uma minoria é importante porque muitos utilizam a internet de modo a comunicar com outras pessoas que partilham o mesmo interesse. A Inês, por exemplo, comenta que apenas começou a conhecer pessoas que partilham o seu interesse pela leitura quando criou o seu canal do YouTube e o seu blog:

Inês: Depois de ter o canal, depois de ter o blog, é que comecei a sentir uma ligação. Antes da internet sentia-me um bocadinho ‘a estranha’, porque gostava de ler e gostava de ler fantasia. Eu durante anos achei que era a única pessoa que lia fantasia. E quando descobri o [blog] Estante de Livros aquilo era um mundo, porque havia muita gente no fórum que adorava fantasia.

5.4 Modos de Relação com as RSO

Como se observou até agora, a internet e as RSO estão sempre presentes no discurso e nas práticas dos entrevistados. Durante a segunda parte da entrevista afinou-se este foco, e foi neste momento os entrevistados foram convidados a partilhar as RSO que mais utilizam para consultar, publicar ou discutir temas associados à leitura de livros por lazer.

Como já referido na revisão da bibliografia, verifica-se uma relação *more-more* entre leitura e uso da internet (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005; Neves, 2015), sendo que os participantes foram escolhidos sob o critério de serem pessoas ativas nas RSO que consultem ou partilhem com frequência conteúdos sobre leitura. Assim sendo, aqui a questão central não é tanto se este universo de análise utiliza as RSO para este fim, mas sim *como* o fazem, ou seja, que padrões podem ser encontrados no que toca às utilizações, motivações e perceções que este grupo de leitores tem sobre a sua relação com as RSO.

As duas RSO mais citadas são o Instagram e o Goodreads, seguido do Twitter, sendo que uma entrevistada mencionou também o Pinterest. Também mencionaram blogues, serviços de *instant messaging* (IM) como o WhatsApp, assim como serviços de VoIP como o Discord. O Facebook é a plataforma menos utilizada – das poucas ocasiões em que esta RSO foi mencionada, apenas era usada para divulgar os conteúdos de blogues ou canais do YouTube, regra geral através de atualizações automáticas.

5.4.1 Número de livros lidos e objetivos de leitura

Para perceber a quantidade de livros lidos por ano, foi usado como referência o número de livros lidos em 2019, sendo que esta pergunta serviu como mote para discutir também os anos anteriores. Foi importante ter alguma abertura relativamente ao ano de referência, ou seja, ter também em consideração leituras feitas noutros anos, porque algumas entrevistadas consideraram o ano de 2019 como uma exceção.

Por exemplo, a Susana afirmou que “O ano passado foi pior do que este, foi quando ela [a filha] nasceu. Li 3. Mas normalmente são 20 ou 30.”, enquanto a Cátia disse que “2019 foi um ano bastante atípico porque tive com uma depressão e então não consegui ler quase nada (...) eu

ficava arrasada de não conseguir ler. O ano passado, se eu li 5 livros, foi muito. (...) Num ano típico, não te sei dizer quantos leio, mas mais de 30, certamente.”

O método qualitativo adotado provou ser uma vantagem neste aspeto, por permitir contemplar outras subjetividades e cenários que afetam a leitura, abrindo também a possibilidade de comparar as leituras de 2019 com aquilo que estas entrevistadas consideram o seu ritmo habitual. Serve também para demonstrar o enorme peso da leitura nas suas vidas – os anos em que leram pouco foram descritos como exceções à regra, algo negativo que contam rapidamente contornar.

Partindo deste prisma, é possível caracterizar todos os participantes com *keen readers*, ou seja, todos leem habitualmente mais de 12 livros por ano. No entanto, há bastante diversidade neste aspeto – desde 3 livros lidos em 2019 até aos 206, como se pode observar na tabela abaixo.

Tabela 3 - Número de livros lidos por cada entrevistado em contexto de lazer, em 2019

Entrevistado(a)	Número
Susana	3
Cátia	5
Olívia	12
Telma	22
Luísa	24
Cristina	25
Sara	26
Eva	26
Francisca	35
Filipa	40
Vanda	49
Madalena	50
José	50
Maria	78
Inês	206

Este número de livros lidos parece manter-se relativamente “estável” ao longo dos anos, sendo que, quando inquiridos sobre os objetivos para o futuro, a tendência geral é para ler um número maior, o que denota um sentido de dever e enorme valorização da leitura por parte dos entrevistados. Ao mesmo tempo, estes frequentemente afirmam não sobrevalorizar a quantidade de livros lidos:

Maria: Todos os anos no *Goodreads* proponho-me ler um determinado número de livros. (...) Aquilo que eu gostava, e seria o mais ideal para mim, seria ler por exemplo um livro por semana, seriam os 52 livros. No ano passado li muito mais, li 78. (...) Mas

eu acho que mais do que a quantidade, o que interessa a qualidade. Isso é o que eu tenho vindo a perceber ao longo dos anos. Posso estar a ler um calhamaço e aquilo pode demorar um mês ou mais, mas se for algo de qualidade e que eu esteja a gostar não tenho problemas nenhuns em que essa leitura dure muito tempo. O que me interessa cada vez mais é a qualidade.

É também importante notar que, quando questionados sobre a quantidade de livros lidos e sobre objetivos de leitura futuros, a maior parte dos entrevistados consultou o seu Goodreads, mais concretamente, o *Goodreads Reading Challenge*. Por essa razão, fez sentido integrar a análise da quantidade de livros e registo/quantificação dos mesmos neste ponto dos Modos de Relação com as RSO.

O Goodreads é uma RSO inteiramente dedicada ao livro, que foi lançada em 2007 (Goodreads, s.d.) e adquirida pela Amazon em 2013 (Murray, 2019: 3), sendo considerada “the global dominating book-centric social-cataloguing site” (2019: 3).

É, paralelamente ao Instagram, a RSO mais referida pelos entrevistados, e é utilizada sobretudo para registar leituras – “como uma base de dados”, como afirmou a Inês – e também para deixar opiniões e consultar críticas feitas por outros utilizadores.

O *Goodreads Reading Challenge* é uma funcionalidade desta plataforma, na qual, no início de cada ano, os utilizadores são convidados a estabelecer um objetivo de leitura. A partir daí, podem ir registando os livros que já leram, e estes são contabilizados para o desafio anual, sendo que o *site* também oferece informações sobre o progresso de leitura, o quão perto os leitores estão do seu objetivo e quantos livros têm de ler para chegar ao seu objetivo anual.



Figura 1 - Exemplo de um Goodreads Reading Challenge, captura de ecrã recolhida a 12/10/2020, de <https://www.goodreads.com/challenges/11621-2020-reading-challenge>

Além do Goodreads, os participantes afirmam também registar leituras em cadernos (Madalena, Maria, Telma, Vanda), folhas de Excel (Telma, Vanda) e até mesmo no Instagram, através de destaques nos *stories* (José) ou *hashtags* (Madalena). Nalguns casos, registam-nas em mais do que um suporte (num caderno e em suporte digital, por exemplo).

A Cátia, a Francisca e a Olívia disseram não ter por hábito anotar as suas leituras, sendo também não estabelecem objetivos de leitura, algo que a Mónica e o José também não o fazem (apesar de registarem as leituras), por não considerarem necessário:

Mónica: O Goodreads pede-me: “faz o teu objetivo de leitura!”, e eu faço, mas nem sequer estou a ligar a isso, porque eu tenho perfeita consciência de que eu leio muito, e não preciso de me puxar a mim própria para ler. Quanto muito eu tenho objetivos de ver um filme, ou de ver uma série, porque não é natural para mim ligar a televisão.

Para além destas questões mais ligadas à quantidade, foram poucos os leitores que tenham afirmado focar-se nalgum género em particular – seja nas suas leituras de 2019, ou nos seus objetivos futuros. O “omnivorismo” cultural é um dos traços que definem a classe leitora (Griswold, McDonnell, & Wright: 2005; Neves, 2015), e de facto isto reflete-se num grande ecleticismo no que toca aos géneros literários sendo que, à parte do José e da Madalena, que se focam quase inteiramente nos géneros de auto-ajuda e desenvolvimento pessoal, todos os outros entrevistados afirmaram ler “de tudo um pouco”, desde os clássicos aos contemporâneos. Por exemplo, a Maria refere que em 2019 leu “thrillers, (...) contemporâneos, banda desenhada, Young Adult, fantasia...”.

Expressaram também frequentemente um desejo de diversificar as suas leituras. Mostraram vontade de ler mais mulheres, mais autores negros, de fazer mais leituras sobre temas LGBT, ou de autores fora do universo lusófono e anglo-saxónico.

Este desejo parece ter sido, pelo menos para alguns dos entrevistados, informado pelo debate que tem havido nas RSO ao longo deste ano em torno o movimento *Black Lives Matter*. Aqui, o facto destes entrevistados seguirem contas norte-americanas também é relevante, visto ter sido um tema amplamente debatido neste país, sendo um debate que parece ter chegado ao universo literário das RSO.

Eva: Tenho ultimamente tentado uma coisa que tenho visto muito em contas dos Estados Unidos, que é, eles incentivam a leitura de livros por autores de cor (...), e a olhar para as nossas estantes e fazer aquele exercício de perceber quantos livros eu tenho só escritos por mulheres, por homens, por pessoas de cor, leitura LGBT. Tenho feito mais esse exercício ultimamente, e mudado os meus hábitos de leitura.

Luísa: Mostrando-te as páginas [de Instagram] de alguns clubes de leitura internacionais que eu consulto (...) Uma coisa que notei muito nos clubes de leitura é que todos eles estiveram muito em cima do *Black Lives Matter*, todos eles falaram sobre isso, todos eles entrevistaram escritores africanos, escritores americanos...foi mesmo muito interessante perceber como isto se tornou um acontecimento mediático também para os clubes de leitura, e fez com que nas redes sociais partilhassem mais literatura africana, mais literatura americana, mais autores negros, e isto é mesmo muito giro.

Francisca: Ultimamente tenho comprado menos livros, mas quando os compro tem uma vertente de atualidade. Por exemplo falou-se muito, fala-se e tem de se falar sobre racismo, e acabei por comprar os da Joana Gorjão Henriques (...).

Isto demonstra um interesse pela atualidade por parte destes participantes, ao procurarem ler livros, sejam eles de ficção ou não-ficção, que reflitam os debates que estão a ter lugar na esfera pública. No entanto, esta busca pelo atual, pelo contemporâneo, não se limita às questões sociais – como se irá observar ao longo do ponto 5.4.3 Consumidores de Conteúdo, um dos principais usos dados às RSO é o de acompanhar os novos lançamentos das editoras, sendo que existe aqui um equilíbrio entre a leitura de clássicos e de contemporâneos, na qual os *bestsellers* e os livros mais debatidos nas RSO são os que frequentemente suscitam mais curiosidade. A adaptação de certas obras à televisão e ao cinema também é frequentemente mencionada.

5.4.2 Criadores de Conteúdo

Ao longo destas 15 entrevistas, foram entrevistados desde utilizadores mais *casuais*, que usam as RSO sobretudo com o intuito de seguir editoras, acompanhar os novos lançamentos, partilhar críticas e registar as suas leituras; até a criadores de blogues, podcasts, clubes de leitura e canais do YouTube com um número significativo de seguidores – que poderão ser aqui chamados de utilizadores *intensivos*.

A maior parte dos entrevistados – tanto os *casuais* como os *intensivos* – não só consome conteúdo sobre livros, como também produz conteúdo, seja este na forma de publicações no Instagram, por exemplo publicando fotografias das suas leituras atuais, por vezes acompanhadas de opiniões ou críticas; deixando críticas ou pontuações no Goodreads, ou mesmo na criação de blogues de leitura, *podcasts* sobre leitura e canais do YouTube.

Note-se que, na maioria dos casos, as utilizações sobrepõem-se – por exemplo a Inês utiliza o Goodreads para registar as suas leituras, estabelecer objetivos de leitura e deixar críticas, críticas estas que aprofunda no seu blogue, mantendo igualmente o seu próprio canal do YouTube sobre o tema, assim como uma conta do Instagram dedicada ao livro. O mesmo com a Filipa, que utiliza o Instagram para partilhar as suas leituras, é autora dum *blog*, e utiliza paralelamente o Goodreads.

Ainda no tema da criação de conteúdo, uma motivação citada com alguma frequência é a da divulgação de conteúdo sobre leitura, com o objetivo de encorajar mais pessoas a ler. Isto pode ser encontrado tanto nos utilizadores mais *casuais*, como nos *intensivos*. Por exemplo, a

Madalena tem uma página de Instagram inteiramente dedicada ao género literário do desenvolvimento pessoal e auto-ajuda, onde partilha fotografias de livros e excertos das suas leituras, e comentou o seguinte:

Madalena: A minha ideia inicial era fazer um blog (...) mas eu decidi que não se aplicava tanto fazer um blog, porque iria ter menos visibilidade, e se calhar fazer um Instagram podia ser algo que as pessoas tivessem mais acesso. A minha ideia, o meu objetivo e a minha missão passam um bocadinho por eu inspirar a leitura nos outros. (...) Eu leio muito, e sinto que às vezes é preciso partilhar, é preciso mostrar.

Também a Luísa fundou o seu clube de leitura com a mesma ideia:

Luísa: É esse o motivo porque eu quis criar o meu clube de leitura, há um ano e meio. Sentia que precisava de partilhar este meu gosto pela leitura com mais pessoas, e porque toda a minha vida senti que os meus amigos me procuravam sempre quando iam de férias e precisavam duma sugestão para uma leitura de verão (...) e eu acho que o culminar da criação do clube teve muito a ver com isso. Não só com o facto de eu querer muito partilhar este gosto, mas porque havia muito esta necessidade, e estas perguntas constantes dos meus amigos (...) e eu acho que as leituras partilhadas (...) são sempre mais enriquecedoras, porque qualquer pessoa tem sempre algo a acrescentar.

Assim como a Filipa, sobre o seu blog:

Filipa: Escrevendo sobre livros, eu acho que posso influenciar outras pessoas a lerem, ou pelo menos pensar mais sobre os livros que estão a ler.

Falou-se várias vezes, ao longo desta dissertação, sobre a grande valorização da leitura por parte da classe leitora, e esta motivação que estes participantes apresentam, esta vontade de divulgar a leitura para que chegue a mais pessoas, evidencia esta valorização.

Ao mesmo tempo, o número de seguidores, *likes*, partilha e demais indicadores de *engagement* foram poucas vezes mencionados ao longo das entrevistas – quando muito, alguns mencionaram que publicações sobre livros comprados e listas de compras (*book hauls* e *wishlists*) são sempre os que têm mais visualizações.

No entanto, os entrevistados com um maior número de seguidores, ou que têm as suas contas nas RSO associadas a projetos em torno da leitura, parecem também atrair a atenção das editoras, que os contactam frequentemente para parcerias, ou enviam livros para serem avaliados. Isto dá-se sobretudo com os utilizadores *intensivos*, e é um aspeto aliás discutido de forma bastante aberta e transparente ao longo das entrevistas, chegando mesmo a haver críticas ao facto de alguns *bloggers* parecerem apenas estar neste “mundo” por causa das parcerias:

Inês: Infelizmente é uma coisa que eu vejo, não só com os blogs, mas também com o *BookTube* e com o Instagram (...) a sensação que me dá é que há muita gente que cria para receber livros das editoras (...) não deve ser esse o principal objetivo. Não digo que com o tempo não possam conseguir, eu também recebo livros de editoras (...) mas noto que as pessoas criam e passados 2 ou 3 meses a sensação que dá é que a pessoa criou só para receber. E a sensação que dá é que só leem o que receberam. (...) Porque isso também se nota ao longo do tempo, porque são pessoas que criam e depois desistem. A pessoa deve criar por causa disso, porque tem gosto em partilhar.

Muitos dos participantes afirmaram também encarar estas plataformas, sobretudo os seus *blogues* e o Goodreads, como uma espécie de arquivo pessoal, que utilizam para rever as leituras que fizeram num determinado ano, ou como se sentiram em relação a algum livro que tenham lido.

A Inês, por exemplo, utiliza o Goodreads desde 2008, onde organiza desde então as suas leituras por ano, género, aquisições, livros emprestados, “desistências” (ou seja, livros que não terminou), entre outros, com recurso a *tags*. A Filipa também tem uma utilização semelhante:

Filipa: Eu já tenho o blog desde 2011, então é algo sempre a ser alimentado. E também os próprios pensamentos que eu tenho sobre esses livros, por exemplo, daqui a dez anos posso ler a minha opinião sobre um livro. (...) O blog não é muito conhecido (...) mas eu sinto que vale a pena tê-lo, muitas pessoas podem não o ler, mas eu sei que o vou ler, e muitas vezes volto atrás e releio o que escrevi há alguns anos.

Esta utilização das RSO como um arquivo pessoal remete às observações de Robards e Lincoln sobre como, cada vez mais, as RSO têm esta dimensão autobiográfica. Eles aqui referem-se ao Facebook, contudo é possível observar a mesma dinâmica noutras plataformas e com outros usos – o livro parece adotar aqui uma componente pessoal e autobiográfica, sendo associado a determinados períodos da vida dos entrevistados.

Facebook (...) has become an archive of life for its users. To leave Facebook would be to leave those traces – and the record of not only a personal, but a shared history – behind. These developments position the site not just as a place for the mediation of everyday life, but increasingly as a site for reflection, nostalgia, and looking back. (Robards & Lincoln, 2017: 718)

5.4.3 A Leitura em Grupo

Como afirma Girswold, a leitura é uma prática social mesmo quando feita individualmente:

A review of the societal literacy research suggests that two answers to the “How do we read?” question have emerged to challenge the customary view that reading is the act of an individual sitting down and reading a book. First is the practice thesis: Reading is a social practice, and people read all the time as an unnoticed part of their everyday pursuits, in addition to their more formal occasions of sitting down and reading. Second

is the collective thesis: People read in groups, and even individual reading is the result of collective memberships. (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005: 132)

Este contexto coletivo das leituras individuais é nítido a partir do momento em que este grupo de leitores passa o seu *hobby* de leitura para as RSO. Mas um aspeto também muito recorrente dentro deste grupo de entrevistados é o da participação em leituras em grupo. Usa-se aqui o termo “leituras em grupo” e não clubes de leitura porque, segundo o que é descrito pelos participantes, a discussão sobre livros não acontece só nos clubes do livro presenciais ou *online*, mas também em grupos do WhatsApp, na secção de comentários do Instagram, e em canais do Discord, como é o caso da Sara:

Sara: Tenho um grupo de amigas no WhatsApp (...) acho que somos 5. E nós partilhamos muito o que andamos a ler, porque antigamente fazíamos parte dum clube de leitura, mas, entretanto, como tivemos alguns dissabores com a dona da livraria, deixámos de lá ir, mas fazíamos parte de um grupo então às vezes temos sugestões de coisas para ler, e vamos apontando. Ou então (...) pessoal que conversa comigo nas redes sociais, por exemplo tenho um chat do Discord, temos mesmo lá um canal que é clube de leitura, e às vezes o pessoal vai sugerindo coisas, e eu vou apontando. (...) Nós (...) os habituais, somos cerca de 20 (...). Por exemplo, há pessoal que estuda, sei lá, história da arte, ou pessoal que está muito no universo da fantasia e que vai sugerindo coisas, há pessoas que gostam mais de romance, ou literatura Inglesa do séc. XIX (...), e vão pondo.

Há também muitas entrevistadas que participam em clubes de leitura, sendo que a Luísa e a Telma fundaram o seu próprio grupo. O grupo da Telma é *online* e esta não o considera propriamente um clube de leitura porque, segundo a própria, “não estamos todos a ler o mesmo livro”. Gere este grupo através do seu blogue, e os participantes vão partilhando as suas leituras pelo Facebook ou pelo Instagram:

Telma: (...) eu criei uma coisa chamada “Uma Dúzia de Livros”, e é uma espécie de clube do livro e de desafio de leitura (...) e basicamente o que tens, é em vez de ser um livro por mês e toda a gente lê o mesmo livro, tens um tema por mês, e cada pessoa escolhe um livro dentro desse tema.

Já o da Luísa é sobretudo presencial, apesar de contar com uma página do Instagram para divulgação e com um grupo do WhatsApp onde os membros conversam frequentemente sobre livros.

Outras entrevistadas, como a Filipa, a Vanda, a Inês e a Mónica participam também em clubes de leitura presenciais, ainda que alguns deles tenham passado para o Zoom durante o período de confinamento em 2020.

Filipa: O primeiro clube de leitura a que eu fui foi o da Sónia Morais Santos, autora do blog “Cocó na Fralda” (...) a partir daí comecei a notar mais á minha volta que havia outros clubes. Houve uma altura, em 2018 ou 2019, em que cheguei a ir a quatro clubes de leitura. (...) Aqueles que eu cheguei a ir eram físicos, entretanto adaptaram-se (...) e acho que migraram todos facilmente para o *online*.

5.4.4 Consumidores de Conteúdo

No que toca a consumo de conteúdo, o uso mais mencionado das RSO, tanto da parte de utilizadores *casuais* e de *intensivos*, é o de descobrir novas leituras e acompanhar lançamentos. No entanto, este grupo de entrevistados é sobretudo participativo, tendo dedicado muito mais tempo a falar sobre aquilo que publicam, criam e debatem nas RSO acerca de livros do que necessariamente sobre o que consomem.

Pode-se então afirmar que neste universo de análise há uma cultura altamente participativa (Jenkins, 1992), na qual o propósito do uso é sobretudo a produção de conteúdo e o debate com outros utilizadores, frequentemente em articulação com editoras e com os próprios autores, como é o caso de alguns dos clubes de leitura mencionados, e também do podcast de uma das entrevistadas.

No que toca ao consumo, as editoras têm novamente um papel crucial, assim como livrarias *online*:

Mónica: Vou partilhar o meu Instagram (...) Portanto, estou aqui a ver as minhas sugestões e são todas à volta, ou de livros, ou de editoras. Por exemplo, sigo muitas editoras. Esta é a minha preferida [a Tinta da China], mesmo a nível de *non-fiction*, esta editora tem coisas espetaculares. (...)

Vanda: O Instagram provavelmente é, neste momento, a rede social que eu mais utilizo. Para várias coisas. Eu gosto muito de ver imagens, gosto muito de ver as fotos. (...) Gosto de ver as *stories*. (...) Neste momento é onde as próprias editoras mais estão a investir. Em termos publicações, de publicidade, neste momento as pessoas que leem e que tem contas relacionadas com a leitura, é onde está a maioria. (...)

Maria: No site da Wook consigo tirar ideias, por exemplos, de livros que saíram há pouco tempo (...) ou livros que me passaram ao lado, por exemplo, ou livros que possa ter interesse em ler. E é na Wook que eu tenho a minha *whishlist*.

Muitos dos participantes mencionam também terem uma ou duas contas de referência – pessoas cujos gostos e opiniões se alinham com os seus e nas quais confiam para lhes indicarem novas leituras. Estas contas tanto são encontradas no Instagram, como no Twitter ou em blogues.

A Susana, por exemplo, afirma que:

Susana: [A autora do] Estante de Livros, basicamente fazia parte do grupo de *bloggers* com quem eu me dava e, ainda hoje em dia, eu sei que em termos de opinião de livros, se usarmos o sistema de classificação de cinco estrelas, eu vario uma estrela em relação a ela. Portanto quando quero comprar livros que tenho a certeza que vou gostar, vou às cinco estrelas dela, e compro-os.

Enquanto o Instagram é sobretudo utilizado pela sua dimensão estética, com muitas referências à composição das fotografias – tanto das suas como dos seguidores – o Goodreads e os blogues são bastante referenciados por permitirem consultar sugestões de leitura, listas de leituras recomendadas, assim como a opinião dos tais utilizadores “de confiança”.

Curiosamente, apenas a Olívia e a Francisca mencionaram acompanhar a crítica literária feita pelos *media* tradicionais, sendo que a Francisca deixou claro que dá preferência a estes. De resto, todos os outros entrevistados guiam-se sobretudo pelas RSO, seja seguindo contas e blogues, seja seguindo clubes de leitura de celebridades – a Luísa, por exemplo, acompanha de perto a página do Instagram do clube de leitura da Reese Witherspoon – seja seguindo outros *bloggers*, *YouTubers*, ou contas do Goodreads.

Sendo este estudo de cariz exploratório, não é possível a partir deste universo da análise tirar conclusões sobre os leitores no geral. Mas uma reflexão futura que poderá surgir daqui é sobre uma possível mudança no *gatekeeping* literário, desde a crítica literária profissional e clubes do livro famosos, como o da Oprah Winfrey (Sedo, 2003), para a Web 2.0. Seria, assim, interessante procurar compreender quem são os “novos” *gatekeepers*, quais os critérios e quais os efeitos desta nova dinâmica.

Por exemplo, a presença do Goodreads foi transversal ao longo das entrevistas. Murray sugere que estamos a assistir a uma “datafication of the contemporary book world” (2019), na qual a cultura do algoritmo poderá estar a mudar a forma como os livros são descobertos, debatidos e consumidos, sugerindo que “(...) book historians must add software recommendation systems to their long-standing complement of Bourdieusean cultural intermediaries (...) which crucially intervene between author and reader through their digital curation of book culture” (Murray, 2019: 7).

6. Conclusão

Se estamos a assistir a uma reconfiguração do ato de ler e do conceito de leitor (Cameira & Cardoso, 2014a), e se estamos perante sociedades nas quais se lê menos livros em contexto de lazer, mas com uma classe leitora altamente influente, participativa e ativa na internet (Griswold, McDonnell, & Wright, 2005), procurou-se ao longo desta dissertação explorar, através de um pequeno universo de análise, quem são alguns destes *keen readers*, que perceções têm sobre a leitura, e qual é a forma como encaram o uso da internet enquanto ferramenta para a leitura.

A primeira conclusão a realçar é a de que estes entrevistados têm características sociodemográficas e de hábitos de leitura paralelas às da classe leitora: jovens, altamente instruídos, pertencentes às novas classes médias (sendo sobretudo profissionais técnicos e de enquadramento e profissionais liberais), maioritariamente mulheres, utilizadores intensivos da internet, e culturalmente “omnívoros”.

No entanto, mais reflexão e pesquisa seria necessária de modo a compreender melhor estes participantes no que toca ao género literário – foi difícil traçar uma tipologia de géneros mais lidos, que iam desde os contemporâneos aos clássicos, passando pela fantasia, não-ficção, novela gráfica, poesia, até a temas em torno do desenvolvimento pessoal e auto-ajuda. O único aspeto praticamente consensual é que, para estes entrevistados, a qualidade é importante, havendo géneros literários mais ou menos “enriquecedores”, citando aqui a Sara. É também possível questionar se faz sentido agrupar os dois entrevistados que afirmam ler quase inteiramente livros de auto-ajuda, negócios e desenvolvimento pessoal, no mesmo grupo que lê sobretudo literatura e outros tipos de não-ficção, mostrando hábitos de leitura mais “omnívoros”.

Em seguida, compreendeu-se que todos estes entrevistados tiveram uma introdução à leitura de livros por lazer na infância, citando a família e a escola como as principais influências. Estamos, portanto, perante pessoas com hábitos de leitura sólidos e enraizados, os quais, na sua maioria, é possível assumir que precedem o uso da internet.

Tratam-se todos eles de *keen readers*, lendo mais de 12 livros por ano. O registo e a quantificação da leitura são práticas muito comuns, recorrendo, regra geral, às RSO para o fazer – ou seja, não são somente leituras quantificadas e registadas, mas também partilhadas, sendo que há aqui uma dimensão de partilha em rede.

São atualmente utilizadores intensivos dos novos *media*, o que é visível pelo cariz altamente participativo do seu uso – conversou-se muito mais, ao longo das entrevistas, sobre os conteúdos partilhados e criados do que necessariamente sobre o consumo, apesar das questões do guião não apontarem para nenhuma modalidade de uso em particular.

A leitura em grupo, seja em forma de clubes de leitura presenciais e *online*, a partir de grupos de WhatsApp e servidores do Discord, seja na secção de comentários de blogues ou do Instagram, é um fator que define a utilização das RSO por parte de muitos dos participantes. Estas modalidades de leitura partilhada não seguem somente o modelo do clube de leitura tradicional, no qual se elege um livro ou um tema que todos irão ler em conjunto e debater. É também uma partilha mais dispersa, na forma de conversas em plataformas de *instant messaging*, *posts* em blogues, comentários, partilha de opiniões no Goodreads ou em vídeos do YouTube.

E, tal como nos clubes de leitura “tradicional”, vemos aqui uma forte presença das editoras, seja ao seguirem o conteúdo publicado pelas mesmas, seja em forma de parcerias com os entrevistados aqui tipificados como utilizadores *intensivos* – pessoas com um número razoável de seguidores, e que criaram plataformas de leitura que vão além das suas RSO pessoais ou privadas, tendo criado blogues, *podcasts*, e clubes do livro com presença nas RSO ou canais do YouTube, entre outros.

Podemos encontrar nestas dinâmicas um paralelismo com as observações feitas por Radway (1991) sobre os clubes de leitura presenciais, dominados por mulheres, maioritariamente de classe média, e onde o clube do livro assumia também um papel de socialização, com uma presença igualmente forte das editoras.

As RSO, sobretudo o Goodreads e o Instagram – que são também as RSO com uma presença mais expressiva entre este conjunto de entrevistados – são adotadas também como uma espécie de arquivo pessoal, que alguns dos participantes revisitam de tempos a tempos.

Para além da leitura em grupo, um dos principais aspetos a realçar ao longo desta análise é a grande valorização da leitura, característica tanto das culturas de leitura como da classe leitora, são patentes ao longo de todas as entrevistas, evidenciadas pela prontidão e pela forma apaixonada como os participantes discutiam o seu *hobbie* da leitura, pela alta reflexividade demonstrada na discussão sobre o seu percurso enquanto leitores, pelo hábito de quantificar e registar leituras (e partilhar estes registos *online*, em muitos casos) e, sobretudo, por uma das principais motivações para estes leitores darem uso às RSO: o da divulgação da leitura, com a

intenção de fazer com que chegasse a mais pessoas. Muitos dos participantes criaram blogues de leitura, clubes de leitura, *podcasts*, contas do Instagram, e canais do YouTube explicitamente com esse fim, o que denota que consideram que a leitura de livros é algo que se *deve* fazer, que se *deve* difundir.

Outra dimensão importante diz respeito aos consumos de conteúdo, sendo que, se por um lado estes utilizadores seguem muitas editoras, autores e clubes de leitura fundados por celebridades, no que toca à crítica literária e a recomendações de leitura parecem, salvo algumas exceções, confiar sobretudo em outros utilizadores, sendo raras as menções à crítica literária e às recomendações de leitura feitas nos *media* tradicionais.

Este aspeto merece alguma reflexão em futuras investigações, sobre as formas como os *gatekeepers* da cultura e, no caso, da literatura, estão a mudar para uma lógica mais virada ao *prosumer*, usando aqui o termo de Toffler (1980). Foram deixadas aqui algumas pistas.

Ao mesmo tempo, é importante ter em consideração a economia política destas plataformas: o Goodreads, afinal, pertence à gigante Amazon, o Instagram e o WhatsApp ao Facebook, e o YouTube à Google. Por essa razão, é relevante questionar se esta possível mudança no *gatekeeping* está não somente ligada a uma lógica participativa e de *produsage* (Toffler, 1980), mas também à forte presença do algoritmo, como sugere Murray (2019) ao debater a “datafication of the contemporary book world” pelas grandes empresas tecnológicas.

Bibliografia

- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. Em J. Richardson, *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241–258). Westport : Greenwood.
- Bryman, A. (2004). *Social Research Methods (2ª Ed.)*. Oxford: Oxford University Press.
- Cameira, E., & Cardoso, G. (2014a). A sociologia da leitura e o (novo) paradigma digital: uma relação a explorar. In G. Cardoso, *O Livro, o Leitor e a Leitura Digital* (pp. 4-25). Lisboa: Gulbenkian.
- Cardoso, G., & Cameira, E. (2014b). A leitura digital no contexto global e nacional: resultados de um inquérito aos leitores digitais em 16 países . In G. Cardoso, *O Livro, O Leitor e a Leitura Digital* (pp. 235 - 287). Lisboa: Gulbenkian.
- Cardoso, G., & Lamy, C. (2011). Redes sociais: comunicação e mudança. *JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 2, N.º 1 (Primavera 2011)*, pp. 73-96. Obtido a 22 de Junho de 2019, de http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2_n1/pt/pt_vol2_n1_art6.pdf
- Costa, A., & Mauritti, R. (2018). Classes sociais e interseções de desigualdades: Portugal e a Europa . In R. M. Carmo, António Firmino da Costa, J. Azevedo, J. Sebastião, & S. d. Martins, *Desigualdades Sociais: Portugal e a Europa* (pp. 109 - 129). Lisboa: Mundos Sociais .
- Duguay, S. (2014). “He has a way gayer Facebook than I do”: Investigating sexual identity disclosure and context collapse on a social networking site. *New Media Society* , 1-17.
- Gangneux, J. (2018). *Mediated young adulthood: social network sites in the neoliberal era. (Tese de Doutoramento)*. Glasgow: University of Glasgow.
- Gangneux, J. (2019). Rethinking social media for qualitative research: The use of Facebook Activity Logs and Search History in interview settings. *Sociological Review*, 1-16.
- Goodreads. (s.d.). *About Us*. Obtido a 1 de Outubro de 2020, de Goodreads: <https://www.goodreads.com/about/us>
- Griswold, W. (2008). *Regionalism and the Reading Class*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Griswold, W., Lenaghan, E., & Naffziger, M. (2011). Readers as Audiences. In V. Nightingale, *In Handbook of Media Audiences* (pp. 17-40). London: Blackwell.
- Griswold, W., McDonnell, T., & Wright, N. (2005). Reading and The Reading Class in the Twenty First Century. *Annual Review of Sociology, Vol. 31*, pp. 127-141.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais : Príncípa .
- Hammoudi, R. (2018). *The Bookstagram Effect: Adolescents' Voluntary Literacy Engagement on Instagram. (Tese de Mestrado)*. Obtido a 20 de Junho de 2019 de <https://spectrum.library.concordia.ca/983966/>
- Hayles, N. K. (2010). How We Read: Close, Hyper, Machine. *ADE Bulletin, number 150*, pp. 62-79.
- Jeffman, T. (2017). *Booktubers: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube (Tese de Doutoramento)*. São Leopoldo, Brasil: UNISINOS.

- Jenkins, H. (1992). *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. Nova Iorque: Routledge.
- Jenkins, H. (2006a). *Convergence Culture: Where New and Old Media Collide*. New York: New York City Press.
- Jenkins, H. (2006b). *Welcome to Convergence Culture*. Retrieved from Confessions of an Aca-Fan: http://henryjenkins.org/blog/2006/06/welcome_to_convergence_culture.html, consultado a 20 de Setembro de 2020
- Lapa, T., & Cardoso, G. (2014). Leitura digital, Internet e media sociais: uma análise comparativa. In G. Cardoso, *O Livro, o Leitor e a Leitura Digital* (pp. 324-371). Lisboa: Gulbenkian.
- Latzko-Toth, G., Bonneau, C., & Millette, M. (2017). Small Data, Thick Data: Thickening Strategies for Trace-Based Social Media Research. In A. Quan-Haase, & L. Sloan, *The SAGE Handbook of Social Media Research Methods* (pp. 199-214). Londres: SAGE.
- Livingstone, S. (2005). On the relation between audiences and publics . In S. Livingstone (Ed.), *Audiences and publics : when cultural engagement matters for the public sphere* (pp. 17-41). Bristol: Intellect Books.
- Murray, S. (2019). Secret agents: Algorithmic culture, Goodreads and datafication of the contemporary book world. *European Journal of Cultural Studies*, s.n., 1-20.
- Nakamura, L. (2003). "Words with Friends": Socially Networked Reading on Goodreads. *PMLA*, Vol. 128, pp. 238-243.
- Neves, J. S. (2011). *Práticas de Leitura da População Portuguesa no Início do Século XXI (Tese de Doutoramento)*. Lisboa: ISCTE - IUL.
- Neves, J. S. (2015). Cultura de leitura e classe leitora em Portugal. *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 78, pp. 67 - 86.
- Radway, J. A. (1991). *Reading the Romance: Women, Patriarchy, and Popular Literature* . Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Robards, B., & Lincoln, S. (2017, Abril 17). Uncovering longitudinal life narratives: scrolling back on Facebook. *Qualitative Research*, pp. 715-730.
- Robards, B., & Lincoln, S. (2019). Social Media Scroll Back Method. In P. Atkinson, S. Delamont, A. Cernat, J. Sakshaug, & R. Williams, *SAGE Research Methods Foundations*. Londres: SAGE Publications. Obtido a 12 de Novembro de 2019 de <http://methods.sagepub.com/Foundations/social-media-scroll-back-method>
- Santos, M. d., Neves, J. S., Lima, M. J., & Carvalho, M. (2007). *A Leitura Em Portugal*. Lisboa: GEPE.
- Sedo, D. R. (2003). Readers in Reading Groups: An Online Survey of Face-to-Face and Virtual Book Clubs. *Convergence*, N°9, Vol. 1, 66–90.
- Signorini, A. (2003). *The images of the keen reader is European research*. Obtido de Permanent European Reading Watch, a 20 de Fevereiro de 2020: http://www.grinzane.net/Osservatorio2003/Osservatorio2003_ENG.html
- Sullivan, J. (2013). *Media Audiences: Effects, Users, Institutions, and Power*. Muhlenberg College, USA: Sage.
- Toffler, A. (1980). *The Third Wave*. Nova Iorque: William Morrow and Company.

Anexos

ANEXO A

GUIÃO DA ENTREVISTA

De acordo com a metodologia central desta dissertação, este guião irá acompanhar a navegação dos entrevistados pelas RSO dedicadas ao livro. Por esta razão, é indispensável a sua interpretação tendo em conta que aqui o entrevistado adota também o papel de *co-investigador*.⁸ (Robards & Lincoln, 2017)

Como indicado no ponto 3. Metodologia, as entrevistas serão conduzidas através da plataforma *Zoom*, com câmara e microfone ligados e convidando o entrevistado a partilhar o seu ecrã.

A entrevista está dividida entre três dimensões principais: hábitos de leitura de livros, modos de relação com as RSO, e caracterização sociodemográfica.

INTRODUÇÃO

Muito obrigada por aceitar participar nesta entrevista. O meu objetivo, tal como já discutimos, é compreender a forma como os leitores ativos nas redes sociais online utilizam estas plataformas.

Em primeiro lugar, vou convidá-lo(a) a fazer *login* nas redes sociais online que costuma usar para falar sobre leitura, ou para fazer consultas sobre leitura. Em seguida, pedia que partilhasse o seu ecrã comigo. A ideia é fazermos esta investigação juntos enquanto conversamos: vou convidá-lo(a) a ser o meu *co-investigador(a)* ao longo desta conversa. Sempre que sentir necessidade ou achar relevante, pode navegar nas suas redes, partilhar conteúdos comigo, fazer *scroll*, etc.

O objetivo de analisarmos juntos(as) as suas redes sociais online é também o de respeitar ao máximo a sua privacidade. Caso haja algum conteúdo que prefira não mostrar, poderá sempre optar por não o fazer – pode desligar a função “partilhar ecrã” a qualquer momento, podendo igualmente voltar a ligá-la quando considerar oportuno. Tanto o áudio como o vídeo desta

⁸ Tradução livre do termo *co-analyst*.

entrevista serão gravados – no entanto, o trabalho final irá apenas incluir transcrições da conversa, sendo que não serão publicadas quaisquer imagens resultantes desta conversa.

Relembro que não há respostas certas nem erradas. Estou aqui para aprender convosco. O meu objetivo é ficar a conhecer a forma como utiliza a redes sociais online em contexto de leitura, e para isso todos os seus comentários serão muito importantes!

1. HÁBITOS DE LEITURA DE LIVROS

- Em primeiro lugar, queria conhecer melhor o seu percurso como leitor(a). Podia falar-me de como descobriu o seu gosto pela leitura?
 - Houve alguém particularmente importante para este processo?
 - Houve alguma obra particularmente marcante?
- Como costuma procurar novos livros para ler?
- No seu círculo pessoal, ou seja, entre família e amigos, tem pessoas que partilham o seu interesse pela leitura?
- Tem por hábito tomar nota das suas leituras? Porquê/porque não?
 - Se sim, como as regista?
- Vamos agora falar dos seus hábitos de leitura. Tem uma ideia de quantos livros leu no ano passado (2019)? Aqui refiro-me a leituras por lazer, ou seja, excluindo livros lidos em contexto de trabalho ou estudo. Se ajudar, pode consultar o seu *feed* ou *timeline* de 2019.
- Eram de que géneros? Reforço que está sempre à vontade de recorrer às suas RSO, caso lhes dê esse uso.
- Podia dizer-me se estabelece objetivos de leitura? Porquê / porque não?
 - [Se sim]
 - Tem neste momento algum objetivo de leitura?
 - E para o futuro?
 - Costuma partilhar os seus objetivos?
- Costuma participar em leituras em grupo?
- Fazendo agora uma pergunta mais generalizada, qual é a sua opinião sobre os hábitos de leitura dos portugueses?

2. MODOS DE RELAÇÃO COM AS REDES SOCIAIS ONLINE DEDICADAS AO LIVRO

- Proponho que falemos agora sobre redes sociais online. Podia mostrar-me as plataformas que mais usa para falar sobre livros, ou para consultar informação sobre leitura?
- Sugeriria que percorrêssemos um pouco estas páginas. Quais são os principais usos que dá a cada uma desta(s) plataforma(s)?
- Considera que as RSO têm algum impacto nos seus hábitos de leitura?
- Utiliza uma conta à parte sobre leitura? Porquê/porque não?
- Podia falar-me sobre a sua última publicação relacionada com livros nesta RSO/em cada uma destas RSO?
- Olhando para os utilizadores, blogues ou grupos que segue nas várias RSO, tem alguma(s) preferida(s)? Se sim, porquê?
- Fez novos amigos através das RSO/blogues sobre leitura?
- Tem mais algum comentário a fazer sobre a sua experiência no bookstagram/booktube/Facebook/Goodreads/blogue(s)/(...)? [Adaptar a questão às RSO partilhadas pelo entrevistado.]

3. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Por fim, queria fazer-lhe algumas perguntas sobre si, algumas delas de escolha múltipla. Vou partilhar o meu ecrã consigo para que me possa acompanhar melhor. Irei pedir apenas o seu primeiro nome – deste modo posso garantir melhor o seu anonimato.

1. Primeiro nome?
2. Sexo?
3. Idade?
4. Qual foi o grau máximo de escolaridade que concluiu?
 - A. Ensino básico (até ao 3º ciclo – 9º ano)
 - B. Ensino secundário (12º ano)
 - C. Ensino superior – licenciatura (Bolonha)
 - D. Ensino superior – mestrado ou licenciatura pré-Bolonha
 - E. Ensino superior – doutoramento
 - F. Outro. Qual?
 - G. NS/NR
5. E em relação aos seus pais ou tutores?

Pai	Mãe
A. Ensino básico (até ao 3º ciclo – 9º ano)	A. Ensino básico (até ao 3º ciclo – 9º ano)
B. Ensino secundário (12º ano)	B. Ensino secundário (12º ano)
C. Ensino superior – licenciatura (Bolonha)	C. Ensino superior – licenciatura (Bolonha)
D. Ensino superior – mestrado ou licenciatura pré-Bolonha	D. Ensino superior – mestrado ou licenciatura pré-Bolonha
E. Ensino superior – doutoramento	E. Ensino superior – doutoramento
F. Outro. Qual?	F. Outro. Qual?
G. NS/NR	G. NS/NR

6. Qual é a sua situação na profissão / condição perante o trabalho?

- A. Trabalhador(a) por conta própria com pessoal ao serviço
- B. Trabalhador(a) por conta própria sem pessoal ao serviço
- C. Trabalhador(a) por conta de outrem
- D. Desempregado(a)
- E. Reformado(a), aposentado(a) ou na reserva
- F. Estudante [termina a entrevista]
- G. Ocupa-se das tarefas do lar [termina a entrevista]

7. Qual é a sua profissão? Pedia por favor que desse uma descrição precisa, evitando termos genéricos como “função pública”, por exemplo. Se for reformado(a), aposentado(a) ou desempregado(a), indique por favor a última profissão exercida.

ANEXO B

Calendarização das entrevistas (incluindo convites)

Nome	Convite	Data Entrevista
Sara	Aceite	04/07/2020
Madalena	Aceite	25/07/2020
Mafalda	Rejeitado	
Mónica	Aceite	15/07/2020
José	Aceite	05/08/2020
Filipa	Aceite	06/08/2020
Francisca	Aceite	19/08/2020
Luísa	Aceite	22/08/2020
Constança	Aceite	Cancelado
Olívia	Aceite	02/09/2020
Maria	Aceite	22/08/2020
Andreia	Enviado	
Eva	Aceite	21/08/2020
Jorge	Rejeitado	
Telma	Aceite	06/09/2020
António	Enviado	
Sónia	Enviado	
Cátia	Aceite	05/09/2020
Susana	Aceite	01/09/2020
Vanda	Aceite	10/09/2020
Inês	Aceite	05/09/2020
Miguel	Enviado	
Totais	22	15

ANEXO C

Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Escolaridade Pai	Escolaridade Mãe	Situação na Profissão	Profissão
Sara	29	F	Mestrado	Básico	Básico	Trabalhadora por conta própria s/ pessoal ao serviço	Assistente editora
Madalena	25	F	Mestrado	Básico	Básico	Trabalhadora por conta de outrem	Consultora tecnológica
Mónica	30	F	Mestrado	Básico	Mestrado	Trabalhadora por conta de outrem	<i>Data Analyst</i>
José	28	M	Mestrado	Mestrado	Mestrado	Trabalhador por conta de outrem	<i>Team Leader</i> de TIC e consultor
Filipa	25	F	Licenciatura	Mestrado	Secundário	Trabalhadora por conta própria s/ pessoal ao serviço	Professora e formadora
Francisca	21	F	Licenciatura	Básico	Secundário	Trabalhadora por conta de outrem	Jornalista estagiária
Luísa	32	F	Mestrado	Secundário	Secundário	Trabalhadora por conta de outrem	<i>Copywriter</i>
Olívia	25	F	Licenciatura	Secundário	Doutoramento	Trabalhadora por conta própria s/ pessoal ao serviço	Jornalista
Maria	32	F	Licenciatura	Básico	Secundário	Trabalhadora por conta de outrem	Assistente de cultivo
Eva	27	F	Mestrado	Secundário	Básico	Trabalhadora por conta de outrem	Médica veterinária
Telma	29	F	Licenciatura	Secundário	Secundário	Trabalhadora por conta de outrem	<i>Head of Social</i>
Cátia	25	F	Mestrado	Licenciatura	Mestrado	Trabalhadora por conta própria s/ pessoal ao serviço	Nutricionista
Susana	32	F	Licenciatura	Secundário	Licenciatura	Trabalhadora por conta de outrem	Gestora de conteúdo em loja <i>online</i>
Vanda	38	F	Mestrado	Básico	Básico	Trabalhadora por conta de outrem	Técnica superior em dpto. financeiro
Inês	38	F	Mestrado	Licenciatura	Secundário	Trabalhadora por conta de outrem	Técnica de planeamento na área da construção